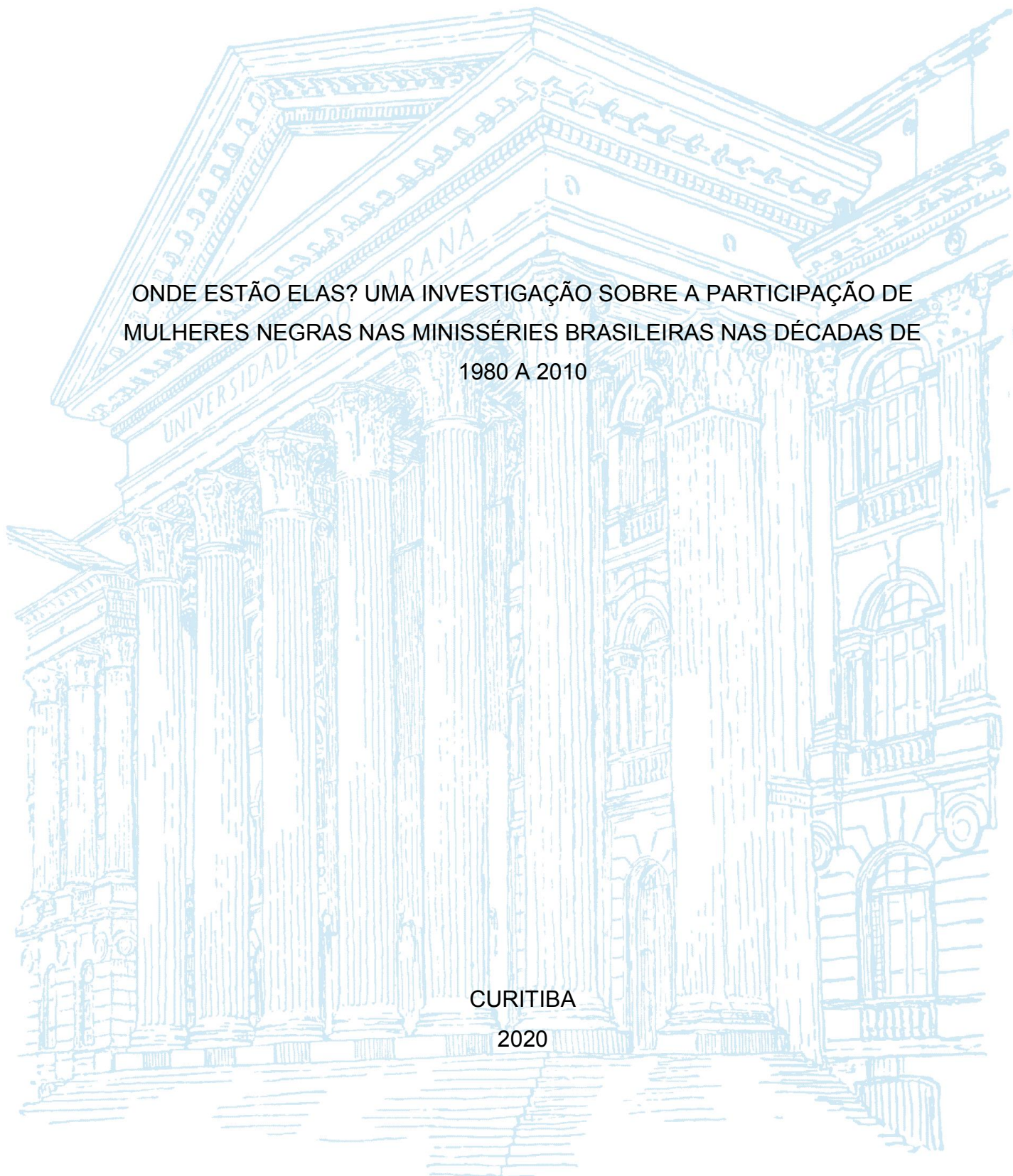


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA LUÍSA PEREIRA

ONDE ESTÃO ELAS? UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE
1980 A 2010

CURITIBA
2020



ANA LUÍSA PEREIRA

ONDE ESTÃO ELAS? UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE
1980 A 2010

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Arte, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Regiane Ribeiro

CURITIBA

2020

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Batel
(Elaborado por: Karolayne Costa Rodrigues de Lima CRB 9/1638)

Pereira, Ana Luísa

Onde estão elas? Uma investigação sobre a participação de mulheres negras nas minisséries brasileiras nas décadas de 1980 a 2010. / Ana Luísa Pereira. – Curitiba, 2020.
94 f.; il. color.

Orientadora: Prof. Dra. Regiane Regina Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

1. Mulheres negras – Representação.
2. Mulheres negras – Séries e minisséries.
3. Ficção seriada – Mulheres negras. I. Título.

CDD 302.23

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM COMUNICAÇÃO

No dia vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte às 14:00 horas, na sala <https://conferenciaweb.rnp.br/spaces/ppgcom-ufpr>, <https://conferenciaweb.rnp.br/spaces/ppgcom-ufpr>, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **ANA LUÍSA PEREIRA**, intitulada: **ONDE ESTÃO ELAS? UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE 1980 A 2010**, sob orientação da Profa. Dra. REGIANE REGINA RIBEIRO. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: REGIANE REGINA RIBEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), VALQUIRIA MICHELA JOHN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LOURDES ANA PEREIRA SILVA (UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, REGIANE REGINA RIBEIRO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: Esta banca ocorreu de forma remota com base na Portaria de número 36/2020 da CAPES (19/03/2020). A portaria estabelece a possibilidade desta modalidade de realização das bancas em virtude da pandemia de COVID-19.

CURITIBA, 25 de Agosto de 2020.

Assinatura Eletrônica

26/08/2020 16:03:07.0

REGIANE REGINA RIBEIRO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

26/08/2020 16:06:25.0

VALQUIRIA MICHELA JOHN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/08/2020 20:46:38.0

LOURDES ANA PEREIRA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO)

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA LUÍSA PEREIRA** intitulada: **ONDE ESTÃO ELAS? UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE 1980 A 2010**, sob orientação da Profa. Dra. REGIANE REGINA RIBEIRO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Agosto de 2020.

Assinatura Eletrônica

26/08/2020 16:03:07.0

REGIANE REGINA RIBEIRO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

26/08/2020 16:06:25.0

VALQUIRIA MICHELA JOHN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/08/2020 20:46:38.0

LOURDES ANA PEREIRA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO)

Dedico este trabalho à minha mãe, meu pai, meus filhos Elis, Francisco e Caetano e ao meu parceiro de vida. Vocês não têm nem ideia de quanto são importantes na minha vida. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Como fazer caber em poucas linhas todas as dedicatórias e parcerias que temos durante a vida? Não tem como. A vida é feita de parcerias, e muitas são as pessoas que passaram pela minha vida e me ajudaram nesta dura jornada de autoconhecimento. Por isso, de professores, modelos inspirações, colegas, chefes, parceiros, família, amigos escolhi pessoas muito significativas na minha caminhada para dedicar em especial este trabalho. Inicialmente, preciso agradecer aos meus pais. Meu pai, que foi meu modelo, minha inspiração, que me despertou para o dom com as palavras, que fez de mim dedicada, esforçada, jornalista. Foi ele quem me trouxe o desejo pela comunicação, pela arte. Ele quem me trouxe a cor da pele, a vontade de lutar por uma causa que é minha e está estampada em mim. Pai, que orgulho de onde você chegou, de onde a gente chegou juntos. Te amo. Para minha mãe, que há seis anos deixou um buraco no meu peito, mas que está comigo em todos os meus passos, e em especial esteve comigo neste mestrado. Mãe, queria muito que estivesse aqui para receber seu abraço. Que falta você faz na minha trajetória. Para os meus filhos, Elis, Francisco, que me fazem ser melhor todos os dias, e que são a minha razão de viver. Filhos, absolutamente tudo o que eu faço tem um pedaço de vocês. Caetano, daqui do meu ventre, me acompanhando nesta etapa final do mestrado, já te amo infinitamente e para sempre. Para o meu companheiro de vida, meu marido, meu carinho, que me deu a mão, o ombro e a vontade de seguir em frente sempre, juntos. Quanta coisa passamos, um pelo outro, um com o outro. Obrigada por mais essa. Aos meus irmãos, sobrinhos, cunhadas, sogros, e todos os que estão na minha vida me apoiando e me dando amor e suporte. Aos meus amigos, os Tiazeras – sim, nós temos nome. Aqueles de verdade, que me acompanham a tantos anos e que fazem meus dias felizes. Ao pessoal do mestrado, e em especial ao Barmingham – sim, também temos nome -, que ajudou a resolver muitas das questões que eu tive nesta pesquisa. À minha orientadora, que é inspiração de mulher e que me acolheu prontamente. Regi, você é maravilhosa. A todos os professores do Decom da UFPR. Espero um dia ter a honra de estar ao lado de vocês, como colega de trabalho. Por mais pretas na docência e na pesquisa, sempre! Enfim, obrigada. Que esta seja só mais uma etapa de uma longa jornada.

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-força normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2008, p. 79).

RESUMO

O presente trabalho propõe um mapeamento, por quatro décadas, da participação da mulher negra nas minisséries veiculadas pela Rede Globo. Por meio do estudo da questão racial, no que diz respeito ao legado que a escravidão deixou à população negra e, mais especificamente à mulher negra, realiza um resgate histórico e social de discussões fundantes na construção da identidade negra, trazendo à tona conceitos como eugenia, embranquecimento, racismo e o mito da democracia racial. Também realiza uma revisão teórica acerca do desenvolvimento das discussões interseccionais no Brasil pautadas pela discussão feminista, considerando que a mulher negra, sujeita a duas esferas de opressão - o racismo e o sexismo. Nesse contexto, a pesquisa relaciona a questão da representação e o papel da mídia, analisando de que forma esses conceitos estiveram e ainda estão presentes na construção simbólica da mulher negra por meio de um importante produto midiático brasileiro, a minissérie. A questão que norteia a dissertação é: ***existe uma possível relação entre os avanços das pautas feministas e interseccionais e a representação das mulheres negras na ficção seriada brasileira?*** A partir desse questionamento, o objetivo geral foi construído com o intuito de realizar um mergulho analítico, a partir de dados quantitativos, sobre como se dá a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras nas últimas quatro décadas e sua relação com os avanços da discussão interseccional trazidos à tona por meio das pautas feministas. A abordagem qualitativa analisou 16 personagens negras pertencentes ao elenco principal e, através desses dados observou pontos que dizem respeito à maneira com que a representação das mulheres negras vem se dando neste produto midiático. Com o cruzamento dos dados quanti e qualitativos foi possível realizar a análise de conteúdo e, com isso, ficou claro que existe sim um aumento no número de participação de mulheres negras, que possui relação direta com os avanços das discussões que interseccionam raça e gênero, sobretudo pelo aumento expresso na última década, quando as pautas feministas ganharam força. No entanto, ainda foi possível notar que a representação das mulheres negras ainda está atrelada a estereótipos discutidos ao longo do trabalho e que, assim, é necessário que a mídia e os produtos seriados estejam atentos a esse tipo de representação.

Palavras-chave: 1. Mulheres negras 2. Minissérie 3. Representação 4. Interseccionalidade

ABSTRACT

This work proposes a mapping, for four decades, of the participation of black women in the miniseries broadcast by Rede Globo. Through the study of the racial issue, with regard to the legacy that slavery left to the black population and, more specifically to the black woman, it performs a historical and social rescue of fundamental discussions in the construction of black identity, bringing to light concepts such as eugenics, whitening, racism and the myth of racial democracy. It also carries out a theoretical review about the development of intersectional discussions in Brazil guided by feminist discussion, considering that black women, subject to two spheres of oppression - racism and sexism. In this context, the research relates the issue of representation and the role of the media, analyzing how these concepts were and still are present in the symbolic construction of black women through an important Brazilian media product, the miniseries. The question that guides the dissertation is: ***is there a possible relation between the advances of feminist and intersectional agendas and the representation of black women in Brazilian serial fiction?*** From this questioning, the general objective was built with the aim of demonstrating, based on quantitative data, how the participation of black women in Brazilian miniseries in the last four decades and their relationship with the advances of intersectional discussion brought about by feminist agendas. The qualitative approach analyzed 16 black characters belonging to the main cast and, through these data, observed points that relate to the way in which the representation of black women has been taking place in this media product. With the crossing of quantitative and qualitative data, it became clear that there is an increase in the number of participation of black women, which is directly related to the advances in the discussions that intersect race and gender, especially due to the increase expressed in the last decade, when the feminist agendas won force. However, it was still possible to note that the representation of black women is still linked to stereotypes discussed throughout the work and that, therefore, it is necessary that the media and serial products be attentive to this type of representation.

Keywords: 1. Black women 2. Miniseries 3. Representation 4. Interseccionalidade

SUMÁRIO

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
1 INTRODUÇÃO	12
2 A CONSTRUÇÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL	15
2.1 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE ESCRAVISTA.....	17
2.2 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E A MULATA BRASILEIRA	19
2.3 IDENTIDADE E DIFERENÇA: O CORPO DA MULHER NEGRA COMO MARCADOR SIMBÓLICO.....	22
3 O PENSAMENTO FEMINISTA NO BRASIL E OS AVANÇOS DA PAUTA INTERSECCIONAL	25
3.1 A PAUTA INTERSECCIONAL DENTRO DO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO.....	27
4 MINISSÉRIE NO BRASIL: HISTÓRIA, GÊNEROS E ESPECIFICIDADES	31
4.1 BREVE HISTÓRICO DA MINISSÉRIE NO BRASIL.....	31
4.2 CARACTERÍSTICAS DA MINISSÉRIE.....	42
4.3 REDE GLOBO E A PRODUÇÃO ATUAL DE MINISSÉRIES	44
5 A MULHER NEGRA E A PRODUÇÃO SERIADA BRASILEIRA.....	47
5.1 A MÍDIA COMO CAMPO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA.....	47
5.2 MÍDIA, FICÇÃO SERIADA E A MULHER NEGRA	49
6 MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS DURANTE AS DÉCADAS DE 80 A 2010	56
6.1 PERCURSO METODOLÓGICO	56
6.1.1 MINISSÉRIES NA REDE GLOBO	57
6.1.2 MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES DA REDE GLOBO	64
6.1.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	62
6.1.4 PERSONAGENS NEGRAS PRINCIPAIS NAS MINISSÉRIES	68
6.1.5 CATEGORIAS ANALÍTICAS	72
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
8 REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de uma inquietação. A questão da representação, para as mulheres negras, sempre vem como uma inquietação. Pois não se reconhecer nos espaços sociais é indagar quem você é numa sociedade que não lhe reconhece. A negritude é sempre uma questão. E essa questão apresenta diversas camadas de construção do sujeito permeadas pelos mais diferentes produtos culturais, que, histórica e culturalmente, sempre estiveram muito ligados à identidade, uma vez que levam à criação simbólica do que é ser uma mulher negra na sociedade em que vivemos. Desta forma, ampliar o pensamento sobre a maneira com que os produtos culturais, e mais especificamente os midiáticos, atuam na construção dessa simbologia e conduzem as discussões sobre a mulher negra e seu papel na sociedade é resgatar uma discussão histórica que precisa avançar para que novos rumos e possibilidades surjam rumo à equidade de gênero e racial. Quanto mais se traz à tona dados que mostrem o quanto o sexismo e o racismo são questões estruturais, mais a sociedade fica pronta a combatê-los, oferecendo a possibilidade de uma reflexão acerca do papel de cada um na sociedade.

Assim, esta pesquisa propõe uma reflexão acerca de um produto tipicamente nacional, que permeou a construção da identidade brasileira e, conseqüentemente, criou um lugar para o corpo da mulher negra. Por isso, investigar a participação da mulher negra na ficção seriada brasileira televisiva, é contribuir para que pesquisas neste sentido ganhem espaço e proponham debates e reflexões que proporcionem o avanço da discussão da questão racial no Brasil. Em um país que possui mais da metade da sua população negra, esse é ponto central para que se entenda de que forma o racismo está presente e então seja possível ressignificar práticas socioculturais de modo mais justo e igualitário.

A questão de pesquisa que norteia a dissertação é: ***existe uma possível relação entre os avanços das pautas feministas e interseccionais e a representação das mulheres negras na ficção seriada brasileira?*** A partir desse questionamento, o objetivo geral foi construído com o intuito de realizar um mergulho analítico, a partir de dados quantitativos, sobre como se dá a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras nas últimas quatro décadas e sua relação com os avanços da discussão interseccional trazidos à tona por meio das pautas feministas.

Como objetivos específicos pretendeu-se: realizar um resgate histórico das relações raciais e do racismo no Brasil; demonstrar como o movimento feminista no país e, mais especificamente o feminismo negro possibilitou uma mudança na construção do imaginário coletivo sobre a mulher negra; observar se a ampliação da visibilidade da mulher negra ressignifica sua identidade e por fim discutir se há ou não o rompimento de estereótipos muito presentes na história da ficção seriada nacional.

Para obter possíveis respostas para este problema, foi realizado um estudo qualitativo que mapeou as minisséries brasileiras para posteriormente tensionar esses dados com categorias analíticas que permitam explorar pautas levantadas pelo feminismo negro brasileiro, através da análise de conteúdo. O texto está dividido em cinco eixos primordiais para pensar a relação entre raça, gênero e produto midiático.

No capítulo 1, como forma de contextualizar a pesquisa, o projeto faz um breve resgate histórico do período escravocrata do Brasil. A ideia é trazer à tona não a história da escravidão brasileira em sua totalidade e complexidade, mas a perspectiva do papel da mulher escrava nessa sociedade e de que maneira a sociedade brasileira construiu a simbologia da mulher preta. Elaborar esse período numa perspectiva feminina é possibilitar um novo olhar para este corpo e, assim, poder relacionar o tema proposto aos dados levantados. Para chegar à essa reflexão, o mito da democracia racial e o projeto de embranquecimento da população brasileira também são temas trazidos nessa revisão teórica e que auxiliam na compreensão da construção da identidade da mulher negra brasileira. Ainda, com base na retomada desses conceitos, traz-se a discussão acerca da representação da raça com base nos conceitos de identidade e diferença para tentar articular de que maneira a escravidão fez-se presente neste processo.

No capítulo 2, e ainda dentro da proposta de relacionar o papel da mulher negra na sociedade brasileira e de que maneira isso se refletiu e ainda se reflete no imaginário, é feita uma revisão histórica com base nos conceitos do feminismo. No entanto, como a ideia não é realizar uma retomada histórica do pensamento feminista como um todo, o projeto terá foco no crescimento do movimento feminista no Brasil partindo de estudos existentes e tentando relacionar de que maneira as possíveis ondas do feminismo impactaram na realidade sociocultural brasileira. Como o foco do trabalho é a interseccionalidade que envolve raça e gênero, o

feminismo negro brasileiro e questões particulares da mulher negra na sociedade são retomados com base em autoras como Sardenberg e Costa (2008), Carneiro (2003), Ribeiro (2018), González (2011), entre outras, que muito contribuem nas reflexões sobre as mulheres pretas no país.

Para poder dar sequência à proposta do estudo, no capítulo 3 é feita uma investigação acerca do formato midiático ao qual a pesquisa pretende se debruçar, e são levantados o histórico, as características e as particularidades da minissérie no Brasil produzidas e exibidas pela Rede Globo, principal produtora de ficção seriada televisiva no país, trazendo dados que justificam a pesquisa e relacionando o produto com os contextos em que elas estão inseridas. Já no capítulo 4 inicia-se uma relação entre a representação da mulher negra e o produto midiático, trazendo um panorama histórico de participação das negras nas telenovelas e que são de grande relevância para entender de que maneira os estereótipos são naturalizados e perpetuados dentro desse produto, assim como no público que consome este material.

No capítulo 5, o percurso metodológico e os resultados da etapa exploratória trazem o caminho feito para identificar dados quantitativos que sustentam a proposta da pesquisa. Assim, quatro décadas de produção da minissérie no Brasil são detalhadas, conseguindo identificar número de participação das mulheres negras e outros dados relevantes e fundamentais a este estudo.

Por fim, no capítulo 6, uma análise busca relacionar os avanços apresentados pelas discussões interseccionais com os dados levantados na pesquisa, mostrando o quanto as pautas que dizem respeito à relação racial e ao feminismo vêm determinando ou não a produção e o consumo do produto midiático.

2 A CONSTRUÇÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

Para entender de que maneira as relações de raça e gênero foram construídas no Brasil, optou-se por contextualizar o tema através de uma breve retomada da história da mulher negra no Brasil. Para isso, serão levantados pontos a despeito do período escravocrata que, no Brasil durou 388 anos. É relevante reafirmar, dentro dessa perspectiva, que a história “oficial” do Brasil possui maior tempo de escravidão em suas entranhas que o contrário, reforçando que o período foi e ainda é fundamental dentro do conceito de construção da sociedade brasileira.

A escravidão trouxe a solos brasileiros quase cinco milhões de negros trazidos da África¹, e os escravos chegados da África foram fundamentais na expansão do país. Como nos lembra Albuquerque e Filho (2006, p.42), sem os escravos seria impossível que os portugueses dominassem as imensas terras do Brasil e foi através da mão de obra explorada dos negros que o Brasil se ergue. Dentro desse contexto, a mulher sempre esteve presente como elemento constituinte da população que se formava, no entanto, estudos mostram que havia um desequilíbrio entre o número de homens e mulheres escravas, uma vez que a mão de obra masculina era valorizada, fato que se observou até o final da escravidão (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p.52).

Durante a construção da sociedade escravocrata brasileira, o país foi estabelecendo uma dinâmica entre sociedades europeias, indígenas e negras que foi fundamental para o entendimento das relações pessoais. Foram criadas casas comerciais para vender escravos recém-chegados e a mídia exerceu papel fundamental durante a comercialização de corpos negros.

Assim que estavam prontos para venda, os negociantes colocavam anúncios nos jornais informando ao público que um novo “carregamento” estava disponível. No dia marcado, os feitores organizavam suas mercadorias humanas para expor aos compradores — em geral, por idade, sexo e nacionalidade. Quando organizados por idade, os mais velhos, entre trinta e quarenta anos, sentavam-se na fileira de trás; os mais qualificados, entre quinze e vinte anos, ocupavam os assentos do meio; mulheres e crianças ficavam nos assentos mais baixos ou no chão. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 54)

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235>

Através desse trecho, é possível observar a relação de hierarquia que se estabeleceu na população escrava, em que as mulheres e as crianças ficavam no nível mais baixo da comercialização, afinal, pouco ou nada serviam aos propósitos do processo “civilizatório” do país. Outro fato que mostrava a desvalorização da mulher negra escrava era o valor, homens valiam mais que as mulheres, e esse fator é crucial para entender de que maneira o sexismo se refletia nas relações sociais.

Não é necessário retomar aqui o fato de subjugação tipo das relações escravistas que se estruturaram na sociedade brasileira. Ao trazer corpos negros para o Brasil e a maneira com a qual se desenvolveram as relações trabalhistas, o país mostrou que ali, sim, a cor da pele era fundamental no estabelecimento da soberania. Isso é mostrado pela crueldade com que se tratavam negros em todo o processo do tráfico de pessoas. Diferente da escravidão africana, em que povos escravizados eram integrados às famílias através da reprodução, aumentando assim o contingente das tribos, no Brasil o corpo negro era marcado pela diferença, pela cor da pele e pela exclusão decorrente disso. A cor da pele era um marcador da diferença e de um suposto valor minoritário frente aos corpos brancos europeus.

Por isso, pode-se caracterizar o Brasil colonial e imperial como uma sociedade escravista, e não apenas uma que possuía escravos. Podemos dizer também sociedade racista, na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou nascidos no Brasil. Assim, ao se criar o escravismo estava-se também criando simultaneamente o racismo. Dito de outra forma, a escravidão foi montada para a exploração econômica, ou de classe, mas ao mesmo tempo ela criou a opressão racial. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 68).

Assim, sob a égide do racismo, a sociedade brasileira se constituiu. Ainda dentro dessa realidade de haver no país um marcador racial, a questão do trabalho sempre esteve presente, afinal, os negros eram basicamente mão de obra. E, tanto homens quanto mulheres sempre tiveram acesso negado ao mínimo de condições básicas de sobrevivência, estando sempre atrelados a trabalhos pesados, sujos e aos quais brancos europeus não se submetiam, aprofundando ainda mais a relação de abuso entre senhores e escravos, o que pode ser observado ainda hoje nas relações trabalhistas brasileiras, Negros continuam sendo oprimidos e realizando trabalhos considerados menores na sociedade.

2.1 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE ESCRAVISTA

Para se atingir o objetivo deste trabalho, é necessário, no entanto, focar no papel da mulher negra na sociedade brasileira que se erguia. É importante lembrar que, apesar de estar em menor quantidade, as mulheres escravas eram invisibilizadas, e sua força de trabalho era igualada à do homem, conforme nos lembra Davis (2016). Como mão de obra, trabalhavam em lavouras e estavam submetidas à violência assim como os homens escravos. Os estupros eram frequentes e no dia a dia a mulher enfrentava humilhações servindo à família dos senhores e tendo que enfrentar violências físicas, psicológicas, sexuais, e, inclusive de lactação e de reprodução.

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p.25).

A taxa de mortalidade das mulheres negras era alta, assim como as taxas de aborto, uma vez que trabalhavam dia a dia em lavouras e havia uma sobrecarga de trabalho, que muitas vezes podia ser perigoso, inclusive, como nos lembra Albuquerque e Filho (2006, p. 72) ao contar que às mulheres se reservava o trabalho de moagem da cana em que qualquer descuido poderia ocasionar a perda de uma mão ou braço.

Além disso, entre as obrigações a que a mulher negra estava submetida estava a prostituição em idades que variavam dos 10 aos 40 anos. A questão da sexualidade da mulher negra sempre foi ponto relevante na discussão sobre representação e identidade negra. A hiperssexualização do corpo negro trouxe à mulher negra a representação de promiscuidade como uma característica da raça, e todo o processo de miscigenação que ocorreu no Brasil foi fundamental na estereotipagem do papel desta mulher. Parte desse processo se deve à escravidão doméstica à qual a mulher negra era submetida, estando diariamente dentro da casa de seus senhores e desenvolvendo “laços de intimidade”, que as obrigavam não só aos afazeres da casa, mas também sexuais de seus donos.

Dentro da história da escravidão, houve um interessante processo de alforria da mulher negra.

Além disso, seguindo uma tradição africana, muitas escravas atuavam no pequeno comércio vendendo gêneros de primeira necessidade. Muitas delas acumularam dinheiro no comércio de verduras, frutas, peixes, carnes e doces nas ruas. Com isso tinham acesso a recursos que utilizavam na compra da alforria. No mercado de cativos, as escravas, principalmente as mais idosas, custavam menos que os homens. O preço mais baixo facilitava a compra. A maioria feminina entre os alforriados refletia também estratégias familiares de priorizar a liberdade das mulheres. Era uma forma de garantir que a descendência nascesse livre do cativeiro. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 152)

Com a chegada de uma suposta liberdade para escravos, as mulheres caíram no território brasileiro e passaram a ocupar os espaços das ruas vendendo quitutes e mercadorias. Suas moradias, em cortiços, trouxeram à mulher de novo a um lugar de menor privilégio. Assim, no pós-abolição, a mulher negra continuou vivendo sob o regime de exploração nos mais diversos aspectos. Diferentemente das mulheres brancas, que estavam fortalecendo as discussões feministas, as negras continuavam tendo sua mão de obra explorada, sempre relacionada ao trabalho doméstico e a subempregos. E de lá até os dias atuais pouca coisa mudou, conforme nos mostra Lima (2001):

Os negros estão fortemente concentrados nas ocupações da indústria tradicional e nos serviços gerais, sendo que o acesso à educação é um dos principais fatores de produção dessa desigualdade. Entretanto, mesmo quando eliminadas as diferenças educacionais, os negros ainda apresentam desvantagens, principalmente no acesso às melhores posições ocupacionais, demonstrando que há uma distribuição desigual de indivíduos no mercado de trabalho e um dos fatores dessa desigualdade é a cor (LIMA, 2001, p. 152).

Os dados referentes à população negra brasileira mostram que estar sujeito à discriminação de raça no Brasil ainda é uma questão que deve ser debatida, tendo em vista a desigualdade a que essa parcela da população está sujeita. Quando se acrescenta à discussão a desigualdade de gênero, o cenário é ainda mais repleto de nuances. Para se ter uma ideia, segundo estudo desenvolvido pelo IPEA (2013), 21,6% dos trabalhadores domésticos são de mulheres negras, o que chama a atenção justamente pela herança que a escravidão trouxe ao associar às mulheres negras um modelo de trabalho informal, com baixa remuneração e sem possibilidades de avanços.

Além da questão econômica, a mulher negra também sempre esteve em um imaginário cultural relacionado à sexualização, consolidada por meio de uma imagem cultuada até mesmo pelo Estado e, sobretudo, pela mídia. Reflexo também de um passado de escravidão, em que as mulheres negras sofriam constantes abusos sexuais, essa imagem trouxe à mulher negra um estereótipo que coisifica o seu corpo e a subjuga, mantendo esta uma maneira de se relacionar com o jogo do poder na sociedade.

A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. (HOOKS, 1995, p. 469).

Assim, ao longo da história a representação da mulher negra esteve associada a estereótipos que acabam sendo reforçados pela mídia, conforme nos recorda Araújo (2000), perpetuando e naturalizando uma desigualdade que deve ser combatida para que os avanços socioculturais sejam ressignificados e reais.

2.2 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E A MULATA BRASILEIRA

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, e, no final do século XIX e início do século XX, ainda propagava ideias como as de Nina Rodrigues, médico que desenvolveu estudos sobre os “malefícios” do cruzamento de raças e de como os negros estariam geneticamente mais propensos à criminalidade e violência.

Nina Rodrigues, [...], um famoso médico da escola baiana, adepto do darwinismo racial e dos modelos do poligenismo – que defendiam que as raças humanas correspondiam a realidades diversas, fixas e essenciais, e portanto não passíveis de cruzamento –, acreditava que a miscigenação extremada era ao mesmo tempo sinal e condição da degenerescência (SCHWARCZ, 2012, p. 20).

Essas ideias, oriundas de um determinismo racial, por muito tempo se propagaram pelo Brasil, que chegou a abrigar um dos maiores encontros de

eugenistas. A repercussão disso contribuiu para o que se pode chamar de *racismo de marca* existente no Brasil e que se contrapõe ao *racismo de origem* existente, por exemplo em países como os EUA, conceitos difundidos por Oracy Nogueira (2006). Segundo o estudioso, no *racismo de marca*, os fenótipos são justificativas biológicas para a discriminação, assim, quanto mais fenótipos pertencentes à raça negra, maior o racismo. Essa vertente impactou diretamente na maneira com que o negro é representado na sociedade brasileira.

Com o pós-guerra, a busca por uma raça “pura” passou a ser vista de maneira negativa, e em seus estudo sobre raça, Schwarcz (2012) nos recorda que os estudo eugenistas acabaram sendo mascarados no Brasil, durante o Estado Novo, por meio da busca de uma identidade nacional, baseada justamente na possibilidade de trazer ao país o embranquecimento da população por meio da miscigenação. Com isso, o Brasil passou a ter uma cara, a cara da mestiçagem. A apropriação cultural de elementos típicos da cultura negra também fez parte do processo de invisibilização da cultura afro, tomando o samba, a capoeira, a feijoada como símbolos do Brasil e não do povo negro. Assim, a identidade nacional pregava o culto ao que era brasileiro, desconsiderando e deixando de lado aqueles que participaram da construção dessa cultura dentro das senzalas. A mestiçagem seria, portanto, o processo ideal de clareamento da população brasileira e com a ideia de identidade nacional, criou-se o ideal de população. Prova disso foi o incentivo do governo brasileiro para a entrada de europeus no país, conforme relembra Joel Zito Araújo:

De fato, o governo brasileiro incentivou e até mesmo financiou campanhas na Europa pela vinda maciça de trabalhadores do campo e da cidade das regiões ibéricas e anglo-saxônica, e criou mecanismos de bloqueio para evitar a expansão da miscigenação dos negros e índios brasileiros com migrantes oriundos de países não-brancos. É o que podemos ver através de dois decretos. O primeiro, de 28 de junho de 1890, determinou que os agentes diplomáticos e cônsules e a polícia dos portos deveriam impedir a entrada de “criminosos, mendigos, indigentes e indígenas da Ásia e da África”. Os africanos e asiáticos só poderiam ser admitidos mediante autorização do Congresso Nacional. O segundo, o Decreto-lei nº 7.967, de 18 de junho de 1946, estabeleceu que: “imigrantes serão admitidos de conformidade com a necessidade de preservar e desenvolver o Brasil, na composição de sua ascendência europeia (ARAÚJO, 2000, p. 27-28).

Por meio da miscigenação, surgiu um novo discurso: o da democracia racial, no qual supostamente brancos e negros conviviam(em) harmoniosamente,

mito que foi fundamental na construção da ideia de racismo existente no país até os dias atuais. Inclusive, este é um dos conceitos propagados pela obra Casa Grande & Senzala (2003), de Gilberto Freyre, que tentava trazer à questão da mistura de raças um novo olhar, de modo otimista e equilibrado. Conforme nos conta Araújo (2000, p. 28) o livro discute a importância da miscigenação cultural para o Brasil, e fala ainda sobre a impossibilidade de o país ser racista, tendo em vista a grande liberdade sexual que havia entre escravos e senhores e a “boa convivência” social entre as raças. Assim, junto com uma falsa democracia racial surgiu a falsa ideia de que no Brasil não há racismo.

No entanto, no cotidiano não é isso que se observa quando se constata que a população negra (considerando pretos e pardos) ainda representa a maioria quando se considera a extrema pobreza, mais especificamente 74%, conforme estudo desenvolvido pelo IPEA. O que significa restrição de acesso básico à saneamento, alimentação, educação, saúde, desenvolvimento e diversos outros fatores que comprovam a desigualdade entre brancos e negros derivada de um contexto discriminatório. E são muitos mais os dados que comprovam o legado de discriminação que o processo de escravidão trouxe às pessoas negras. “[...] a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser [...] discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer” (SCHWARCZ, 2012, p.28).

Na perspectiva da mulher negra, o período que seguiu o fim da escravidão oficial trouxe um novo papel: o da mulata. A mestiçagem, assim, trouxe o colorismo como um fator simbólico na construção desse papel. Com isso, nasceu a mulher sexualizada, mulata, que era objetificada e trazida à literatura e ao comercializável carnaval brasileiro como um produto feito para exportação. *“De Gregório de Matos a Guimarães Rosa, na prosa e na poesia, no universo do carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional”* (CORRÊA, 1996, p. 40)

Com isso, a mulher negra fruto da mestiçagem passou a ocupar um novo espaço de fetichização do seu corpo, e o estereótipo sexualização passou a se incorporar a mais uma das categorias únicas às quais estava predestinada. O fato de estar no meio do caminho entre brancos e negros e por ser produto da miscigenação oficial da população brasileira passou a ser aceita nos produtos

mediáticos e na concepção da identidade brasileira, que passou a ser representada por símbolos como a mulata, a caipirinha, o samba e o futebol.

Todo esse processo trouxe uma falsa aceitação da mulher negra, que passou a experimentar um processo de abandono e solidão cada vez maior. Assim, a construção da identidade negra baseada num imaginário que possui um contexto histórico alicerçado na discriminação e em estereótipos é uma questão que reflete a herança que o passado escravagista do país trouxe para os dias atuais e que é necessário entender nas suas mais variadas perspectivas.

2.3 IDENTIDADE E DIFERENÇA: O CORPO DA MULHER NEGRA COMO MARCADOR SIMBÓLICO

Para entender o conceito de construção de identidade na perspectiva de raça e gênero, como se propõe esta pesquisa, faz-se necessário trilhar o caminho que discute a construção do outro e do sujeito na sociedade pós-moderna tendo como base a discussão dos termos identidade e diferença. Assim, os estudos culturais foram fundamentais para a construção teórica deste trabalho, uma vez que a partir dessa corrente é que se possibilitou refletir de que maneira a sociedade vê o outro, (re)significa sua presença e assume uma identidade baseada em conceitos simbólicos que se materializam na representação, neste caso, das mulheres negras.

Quando se fala em identidade e diferença, é preciso compreender que uma depende da outra, e que, em termos de conceituação, pode-se dizer que identidade representa aquilo que “eu sou” e diferença aquilo que “o outro é”. A construção desta identidade depende de vários fatores, afinal, o que exatamente significa ser mulher, ou ainda, negra? Assim, antes de simplesmente ser, na sociedade pós-moderna a multiculturalidade distingue o que é ser uma mulher negra que mora na região norte daquela que mora na região sul de uma mesma cidade. Mais ainda, fatores sociais, econômicos, educacionais e diversos outros definem o que é o sujeito pós-moderno, conforme nos lembra Silva:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p. 76)

Por ser um processo construído simbólica e discursivamente, a identidade e a diferença estão diretamente relacionadas ao poder, uma vez que se define, por meio do estabelecimento da diferenciação quem são “eles” e quem somos “nós”, deixando claro privilégios de um grupo em sobreposição a outros. Quando se traz essa questão para o campo racial, é possível perceber que o período da escravidão foi decisivo na construção da identidade do povo negro tendo como base a diferença. Aqueles que não eram brancos e que, por isso, não mereciam acesso àquilo que os que eram brancos tinham por direito. Ao classificar, a sociedade impõe um papel para cada um dos cidadãos e, ao dividir as pessoas em uma posição binária entre negro/branco, está hierarquizando relações e normalizando o que é ser ou não indivíduo na sociedade.

Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, 2000, p. 83)

No entanto, é importante pensar que a identidade não é algo fixo, e na sociedade contemporânea, pensar na diversidade cultural ocasionada, por exemplo, por processos diaspóricos, traz um novo espaço para o sujeito, que Bhabba (1996), chama de terceiro espaço, ocasionado pela hibridização e no qual os sujeitos não pertencem a nenhuma das posições binárias, e encontram-se em um novo espaço.

Assim, chegamos à questão da identidade do sujeito fragmentado dos dias atuais, que encontra no híbrido uma identidade difusa e cercada de questionamentos. Afinal, o que é ser uma mulher negra na sociedade, e, mais especificamente, no Brasil, por exemplo, após os avanços da discussão sobre interseccionalidade, por exemplo? Para isso, é preciso entrar no campo da representação, e considerar o que Hall diz sobre a questão da representação. Segundo ele, a

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p. 31)

É por meio da representação que a identidade se torna real, assim como a diferença, que se manifesta por meio do imaginário nas mais diferentes culturas. Assim, a realidade brasileira sobre o que é ser uma mulher negra perpassa as maneiras com as quais ela é representada e de que maneira essa representação se dá em espaços como a mídia, por exemplo.

3 O PENSAMENTO FEMINISTA NO BRASIL E OS AVANÇOS DA PAUTA INTERSECCIONAL

Além de mapear a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras, esta pesquisa busca investigar se há uma possível articulação do discurso da questão interseccional com a produção midiática brasileira de forma a aumentar a visibilidade de mulheres negras em seus produtos. E, para isso, faz-se necessário revisitar o pensamento feminista no Brasil, uma vez que a pauta interseccional faz parte dessa vertente de pensamento e levando em consideração que o foco desta pesquisa é o das mulheres. O recorte brasileiro também é fundamental para entender as particularidades da questão raça e gênero, uma vez que, assim como os avanços nas lutas femininas, a questão da raça no Brasil foi construída de maneira muito particular, delegando à mulher negra um espaço diferente daquele ocupado pelas negra da Europa, por exemplo.

No Brasil, o desenvolvimento do pensamento feminista começou com o desenvolvimento de uma imprensa voltada às mulheres em que se discutiam aspectos referentes ao dia a dia feminino. No entanto, conforme nos lembra Ana Alice Costa,

Cumprе lembrar que, enquanto na Europa e, mais tarde nos Estados Unidos, procedia-se à revolução em todas as esferas da vida social, inclusive nas relações pessoais e na família, deslançada pelo “novo” modo de produção que ali se estabelecia, no Brasil, como nos demais países da América Latina, ainda se vivia sob um regime colonial, escravocrata, patriarcal. (COSTA, 1990, p. 32)

Assim, o feminismo brasileiro acompanhou o desenvolvimento da realidade do país e, para contextualizar o movimento no país, portanto, é preciso começar a pensar na chegada do século 19, quando o Brasil passou por fortes mudanças na condição econômica e política do país, e as mulheres passaram a questionar sua participação na sociedade. Segundo Costa (1990, p. 36), Nísia Floresta foi a pessoa que trouxe os primeiros questionamentos, sobretudo no que diz respeito ao direito à educação e à profissionalização da mulher. Em seguida, foi a vez da imprensa feminina surgir, contribuindo com discussões relevantes acerca da participação da mulher na vida econômica, social e cultural. Uma das pautas abarcadas por essas

primeiras iniciativas foi o direito ao voto, que deu início à fase sufragista do movimento feminista brasileiro.

Após essa discussão inicial e a conquista dos votos das mulheres, os movimentos feministas estiveram atrelados à Igreja e a partidos políticos. No entanto, ao final da década de 60 e com a instituição de regimes autoritários em toda a América Latina, o feminismo surgiu com novas reivindicações que iam além da igualdade jurídica, mas também se propunha a discutir o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade (SARDENBERG; COSTA, 2008). Além disso, a modernização pela qual o país passava permitiu a abertura não só do mercado de trabalho e da educação para as mulheres, mas também questões como a sexualidade, evocadas por todo o movimento cultural existente na época, como o movimento hippie e os movimentos negros, que avançavam pelo mundo. Assim, o feminismo avançou no Brasil.

Em 1975, em comemoração ao Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), é realizado no Rio de Janeiro um grande seminário, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade, à luz das propostas do “novo” movimento feminista que então se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos. Esse “feminismo moderno”, articulado em torno da afirmativa de que o “pessoal é político”, traz como novidade o questionamento da divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, do papel tradicional da mulher na família e na sociedade. (COSTA, 1990, p. 42)

Com o processo de redemocratização e com a expansão dos meios de comunicação, o feminismo ganhou uma nova perspectiva. Em um artigo que se propõe investigar a existência da terceira onda do feminismo no Brasil, Mota (2017) se utiliza de entrevistas com três diferentes nomes da militância para falar sobre o novo movimento feminista, que tem na internet um novo espaço de discussão. Segundo a autora, além da internet, outra característica é o envolvimento de jovens secundaristas e acadêmicas, diferente dos momentos anteriores em que as mulheres eram mais velhas e muitas já experienciavam a maternidade.

Podemos supor que esse contexto se consolidou em virtude de uma frequente articulação, liderada em sua maioria por mulheres jovens que questionam o status quo de opressão. Se, por um lado, há um engajamento mais contundente desse público no ativismo, por outro é um desafio expandir a politização a outras mulheres, das mais variadas faixas etárias e condições socioeconômicas. (MOTA, 2017, p. 110)

Ainda segundo Mota (2017), há neste movimento atual uma maior inclusão das minorias nos debates do movimento, possibilitando que o feminismo esteja presente nas periferias por meio dos coletivos, por exemplo, como um reflexo da difusão e da horizontalização do conhecimento que os avanços tecnológicos permitem. Assim, lutas que incluem a interseccionalidade, como gênero e raça, a luta trans, a indígena, entre outras, acabam ganhando mais espaço dentro dessa perspectiva. No entanto, é preciso observar que não há nenhuma teoria atual que comprove a consolidação de uma terceira onda do feminismo no Brasil.

3.1 A PAUTA INTERSECCIONAL DENTRO DO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO

O tema da interseccionalidade entre raça e gênero começou a ganhar corpo no Brasil durante a década de 80. Anterior a isso, a criação de grupos que articulavam o pensamento entre raça e gênero no Brasil aparece na história como um movimento de mulheres negras. Em 1975, segundo Felipe (2009), em uma reunião feminista na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que comemorava o Ano Internacional da Mulher, mulheres negras apresentaram um documento que retratava a opressão a que este grupo estava sujeito. Ainda, segundo a autora, dessa articulação inicial surgiram movimentos que passaram a dedicar às discussões interseccionais, como Aqualtune (1979), Luiza Mahin (1980), Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (1982), NZINGA - Coletivo de Mulheres Negras (1983). O fato é que, no Brasil, a pauta interseccional passou a fazer parte do movimento feminista quando as mulheres negras perceberam que as pautas feministas não as incluíam e a pauta do movimento negro priorizava os homens negros. Assim, as esferas de opressão racismo e sexismo, respectivamente, passaram a fazer parte das discussões que tentavam abarcar a verdadeira condição da mulher negra.

O 3º Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, que ocorreu em Bertogã, São Paulo, em 1985, foi fundamental para a mobilização do feminismo negro. Nesse evento, ativistas negras apresentaram suas demandas relativas à luta contra a violência doméstica, ao combate a práticas racistas no mercado de trabalho e, principalmente, a assuntos relativos à saúde, como mortalidade materna e saúde reprodutiva e sexual das mulheres negras. (DAMASCO; MAIO; MONTEIRO, 2012, p. 135)

A partir dessas discussões, o movimento de mulheres negras dentro do feminismo passa a ser considerado o que Sueli Carneiro (2003) chama de enegrecer o feminismo, trazendo pautas relativas à realidade da mulher negra brasileira à tona e questionando estereótipos e realidades como a do trabalho doméstico, a violência sexual, a solidão da mulher negra, o colorismo.

Com isso, nasce o feminismo negro, que tem como eixo de discussão o racismo e o impacto que este oferece às relações de gênero, determinando, dentro da própria relação de gênero, uma hierarquia, mostrando quem tem mais privilégios e quem não (CARNEIRO, 2003, p. 51). É claro que todas essas questões trazidas à tona dentro da pauta feminista muito antes se revelavam na sociedade, afinal, conforme nos lembra Ribeiro (2018), enquanto a mulher branca lutava pelo seu direito ao voto e ao trabalho, as mulheres negras queriam simplesmente ser reconhecidas como pessoas, como nos lembra o discurso de Sojourner Truth, em 1851.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH in RIBEIRO, 2018, p. 51-52)

No entanto, como o foco deste trabalho é a hipótese da articulação do discurso do feminismo negro com os produtos midiáticos, trataremos da questão de acordo com a perspectiva brasileira. Assim, as esferas de opressão entre raça e gênero, que está associada em sua maioria à classe também, se reflete nas mais diversas esferas no país. Ao negar essa relação existente de opressão sobre a mulher negra, invisibiliza-se uma situação que está relacionada a dados que incluem um maior assassinato de mulheres pretas, maior incidência de violência obstétrica², entre diversos outros índices que mostram o quanto há sim um enorme buraco entre a mulher branca e a negra.

² Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/>

Além dessas, há também dificuldades no avanço do pensamento feminista negro no Brasil associadas à educação, uma vez que a condição de classe interfere diretamente no acesso à reflexão acerca de seu papel na sociedade. Assim, sem acesso à educação e à pesquisa, dificilmente se tem o que Patricia Collins chamou de *feminist standpoint*, ou seja, o ponto de vista de quem vive a questão sexista e, neste caso, racista. Para se ter uma ideia dessa ausência, no Brasil, segundo o IPEA (2013), apenas 5,2% das mulheres negras alcançam o ensino superior, o que torna os avanços nos estudos sobre as mulheres negras ainda mais morosos no Brasil. No entanto, mesmo com todas essas particularidades, a discussão sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira vem avançando, graças a pensadoras como Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Lélia González, Luiza Barrios, Djamila Ribeiro, entre outras. Assim, todas as discussões feministas locais atentam para a realidade do Brasil e de que forma a mulher negra deve ser inserida no contexto feminista.

No Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendida de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero. As mulheres brancas mantêm uma posição nitidamente privilegiada em relação aos homens negros, e as afro-brasileiras estão no mais baixo degrau da escala de renda e emprego. Os homens brancos recebem mais de três vezes o que ganham as mulheres afro-brasileiras, que por sua vez ganham menos da metade do valor da renda mediana da mulher branca (NASCIMENTO, 2003, p.117).

Essa condição reafirma a necessidade de um verdadeiro enegrecimento do feminismo, uma vez que as mulheres brasileiras carecem ainda de muitas políticas públicas que incluem saúde, educação, trabalho e outras, numa luta constante pela igualdade nas mais variadas esferas. Mas, com o passar dos anos, a luta do feminismo negro vem se ampliando, e hoje é possível observar o movimento do “tornar-se negra”, segundo afirma Lélia González, ou seja, é possível observar que as poucas discussões desenvolvidas em âmbito nacional já proporcionam um despertar e um processo de conscientização de identidade negra, e prova disso é o aumento registrado no número de pessoas que se consideram negras.

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro, como a tradição de luta no movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica de ser negra. O atual movimento de mulheres negras ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (CARNEIRO, 2003, p.50).

No entanto, apesar de o feminismo negro no Brasil estar, sim, avançando nas discussões, lutar contra a lógica da falsa democracia racial ainda parece uma luta que está longe de terminar. E cabe às negras lutarem por seus espaços, afinal, como nos lembra Barrios (1990, p. 143), “as desigualdades raciais na verdade beneficiam as mulheres brancas, sejam elas feministas ou não”.

4 MINISSÉRIE NO BRASIL: HISTÓRIA, GÊNEROS E ESPECIFICIDADES

Considerando todas as questões já explanadas até agora nesta pesquisa, faz-se necessário entrar na discussão acerca do formato a ser investigado: a minissérie. O produto seriado é uma narrativa que tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina é considerado elemento constitutivo na formação da identidade nacional. Desde a chegada da televisão no país, em 1950, o produto seriado acendeu o debate sobre o popular e o massivo, e a telenovela, que na América Latina ganhou status de “retrato nacional”, reproduzindo culturas, aproximou o público de um formato que cada vez mais alcança recordes de audiências e de lucratividade. Por isso, este capítulo se dedicará a resgatar o histórico do formato minissérie, além de investigar sobre as características e particularidades que envolvem toda a produção seriada televisiva em seus contextos diferenciados. Também, apesar de não focar nas produções de streaming, será realizada uma breve contextualização da questão *on demand*, de forma a compreender a complexidade do produto e sua relevância nesta pesquisa.

4.1 BREVE HISTÓRICO DA MINISSÉRIE NO BRASIL

No Brasil, particularmente, a produção seriada trilhou um caminho que trouxe ao país o status de maior produtor de novela, graças ao império de comunicação construído pela Rede Globo e a uma linguagem que fugiu dos padrões do melodrama, trazendo modernidade e realidade para dentro das telas diariamente.

Nesta pesquisa, o formato a ser investigado será a minissérie televisiva, produto que começou a ser exibido no Brasil na década de 80, em um período de redemocratização e de avanços tecnológicos e industriais e que assumiu logo uma característica em que se buscou fugir um pouco das ambientações das telenovelas, focadas no Rio de Janeiro, ampliando assim a oferta de novas representações da realidade brasileira. A primeira minissérie exibida pela Rede Globo, *Lampião e Maria Bonita* (1982), por exemplo, mostrou ao público pela primeira vez a realidade do cangaço por meio da representação de um nordeste que pouco se via nas telenovelas. A segunda minissérie, *Avenida Paulista* (1982) apresentou ao público uma realidade bem urbana, ligada ao poder e à modernidade

de São Paulo. Em 1982, ano que a Rede Globo começou a exibir as minisséries em sua grade de programação, foram três as produções dedicadas a esse formato. Além das já citadas acima, foi produzida também uma minissérie baseada em fatos reais, *Quem Ama não Mata* (1982), que trazia uma narrativa pouco provável nas telenovelas.

Desde 1982, quando lançou as primeiras minisséries em sua programação até 2018, a Rede Globo produziu 91 minisséries, conforme dados coletados no projeto Memória Globo e apresentados no QUADRO 1:

QUADRO 1: MINISSÉRIES EXIBIDAS PELA REDE GLOBO NAS ÚLTIMAS QUATRO DÉCADAS





	Minissérie	Ano
	Lampião e Maria Bonita	Abril de 1982
	Avenida Paulista	Mai de 1982
	Quem ama não mata	Julho de 1982
	Moinhos de Vento	Janeiro de 1983
	Bandidos da falange	jan 1983
	Parabéns pra você	fev 1983

	Padre Cícero	abr 1984
	Anarquistas, graça a deus	mai 1984
	Meu destino é pecar	mai 1984
	A máfia no Brasil	set 1984
	Rabo de saia	out 1984
	O tempo e o vento	abr 1985
	Tenda dos milagres	jul 1985
	Grande Sertão Veredas	nov 1985
	Anos Dourados	mai 1986

	Memórias de um gigolô	jul 1986
	O pagador de promessas	abr 1988
	O primo Basílio	ago 1988
	Abolição	nov 1988
	Sampa	set 1989
	República	nov 1989
	Desejo	mai 1990
	A E I O Urca	jun 1990
	Boca do Lixo	jul 1990

	Riacho Doce	jul 1990
	La Mama	out 1990
	Meu marido	mai 1991
	Sorriso do Lagarto	jun 1991
	O Portador	set 1991
	Tereza Batista	abr 1992
	As noivas de Copacabana	jun 1992
	Anos Rebeldes	jul 1992
	Contos de Verão	abr 1993

	Sex Appeal	jun 1993
	Agosto	ago 1993
	A Madona de Cedro	abr 1994
	Memorial de Maria Moura	mai 1994
	Incidentes em Antares	nov 1994
	Engraçadinha	abr 1995
	Decadência	set 1995
	Dona Flor e seus dois maridos	mar 1998
	Hilda Furacão	mai 1998



	Labirinto	nov 1998
	O auto da compadecida	jan 1999
	Chiquinha Gonzaga	jan 1999
	Luna Caliente	dez 1999
	A muralha	jan 2000
	A invenção do Brasil	abr 2000
	Aquarela do Brasil	ago 2000
	Os Maias	jan 2001
	Presença de Anita	ago 2001

	O quinto dos infernos	jan 2002
	A casa das sete mulheres	jan 2003
	Um só coração	jan 2004
	Hoje é dia de Maria	jan 2005
	Mad Maria	jan 2005
	Hoje é dia de Maria (segunda jornada)	out 2005
	JK	jan 2006
	Amazônia	jan 2007
	A Pedra do Reino	jun 2007

	Queridos amigos	fev 2008
	Poeira em Alto-Mar	fev 2008
	Capitu	dez 2008
	Maysa	jan 2009
	Deu a louca no tempo	jan 2009
	Som & Fúria	jul 2009
	Acampamento de férias	out 2009
	Cinquentinha	dez 2009
	Dalva e Herivelto	jan 2010
	Amor em 4 atos	jan 2011

	O bem amado	jan 2011
	Acampamento de férias II	jan 2011
	Chico Xavier	jan 2011
	Acampamento de férias III	jan 2012
	Derci de Verdade	jan 2012
	O brado retumbante	jan 2012
	Xingu	dez 2012
	O canto da sereia	jan 2013
	Gonzaga de Pai pra Filho	jan 2013

	O tempo e o vento	jan 2014
	Amores roubados	jan 2014
	Serra Pelada	jan 2014
	Felizes para sempre	jan 2015
	Ligações perigosas	jan 2016
	Alemão, os dois lados do complexo	jan 2016
	Justiça	ago 2016
	Aldo - Mais forte que o mundo	jan 2017
	Dois irmãos	jan 2017
	Malasartes	dez 2017

	Entre Irmãs	jan 2018
	Treze dias longe do sol	jan 2018

Fonte: A autora (2019)

Para este levantamento, que busca investigar o histórico da minissérie no Brasil, foram consideradas apenas as minisséries descritas no Memória Globo, no entanto, é importante salientar que também há, dentro do Memória Globo produtos classificados como seriados e que não foram catalogados nesta pesquisa. E no que diz respeito às diferenças entre um e outro produto, seguiremos o que diz (POMA, VIEGAS, 2009) quando relata que são três os produtos seriados televisivos: a telenovela, o seriado e a minissérie.

Sendo que a telenovela é uma obra aberta que conta uma história dividida em capítulos que se interrelacionam. A minissérie é uma história fechada, com desenvolvimento e final decididos antes da produção e da exibição. Também é dividida em capítulos sequenciais, porém, ao contrário da telenovela, não está sujeita a alterações no decorrer da trama. Já o seriado é uma sequência de histórias com os mesmos personagens e cenários, em que cada episódio tem seu problema, evolução e desenlace. (POMA, VIEGAS, 2009, p.3)

Assim, considerando esta classificação e os dados levantados no projeto Memória Globo, se partirá desse produto seriado televisivo para investigar características, especificidades e a história deste produto no Brasil, mais especificamente na Rede Globo, maior produtora de ficção seriada televisiva no mundo.

4.2 CARACTERÍSTICAS DA MINISSÉRIE

Ao propor uma discussão sobre a minissérie, é preciso entender o que diz Fachine (2001, p.18) quando afirma que os formatos da televisão são unidades da programação que possuem particularidades que os definem e organizam estando ligados a diferentes matrizes culturais, à exploração dos recursos técnicos e à

inserção na grade de acordo com as expectativas do e sobre o público. Ou seja, todos os formatos televisivos estão submetidos a características próprias que incluem desde o tema abordado até a relação com o seu público. E, ao falarmos sobre classificação dos diferentes formatos, devemos considerar o que diz Pallottini (2012, p.27) quando propõe três tipologias do produto seriado: minisséries, seriados e telenovelas. Dentro desse espectro, a Rede Globo possui como marca principal a produção de telenovelas, obras abertas, exibidas diariamente, com meses de duração, e que fazem do Brasil referência quando o assunto é o formato. Já para definir seriado é preciso levar em conta que “cada emissão é uma história completa e autônoma, com começo, meio e fim, e o que se repete no episódio seguinte são apenas os mesmos personagens principais e uma mesma situação narrativa” (MACHADO, 2001, p.85).

Já o produto a que esta pesquisa busca explorar, as minisséries, são produtos que, assim como a telenovela possuem também em sua característica uma narrativa dividida em capítulos. E, como nos lembra Duarte (2015, p. 3) “concentram-se no relato de uma história central que se desenrola na sequência dos capítulos e cujo entendimento por parte do telespectador está na dependência do conhecimento que detém das emissões anteriores”. Também a autora nos lembra que as minisséries são produtos que possuem capítulos mais breves (de 30 a 40 minutos) e servem como espaço de experimentação.

Como um novo espaço de representações da realidade brasileira, sempre exibidas após às 22h, as minisséries trouxeram narrativas pouco prováveis nas telenovelas. Observe-se a primeira minissérie produzida *Lampião e Maria Bonita* (1982), que trouxe o cangaço para a noite televisiva. Todas as minisséries produzidas sempre ofereceram, desta maneira, uma maior liberdade de criação, com produtos diferenciados, e fortes marcas de autoria. Entre outras, as características da minissérie ainda envolvem histórias em sua maioria adaptadas de romances literários e oferecidas em um formato mais fechado, com um número limitado de capítulos.

Em todos os seminários e cursos que se organizaram na USP, bem como em entrevistas feitas e declarações recolhidas na crítica especializada, todos os profissionais foram unânimes em considerar a minissérie como a *crème de la crème* da produção televisiva nacional de ficção, o que não é pouco, posto que o Brasil é mundialmente respeitado nesta forma de realização, sobretudo devido à telenovela, mas a minissérie já vai se revelando como a próxima grande consagração de nosso know-how no ramo (BALOGH, 2004, p.96)

Assim, ao oferecer maior liberdade criativa, a minissérie também requisita profissionais de alto nível, que trazem a marca da autoria para a ficção seriada, conforme nos lembra Anna Maria Balogh (2004, p.97) quando diz que “no tocante à roteirização, as minisséries são solicitadas aos profissionais mais consagrados da produção fictícia e em muitos casos resultam de uma luta pessoal dos roteiristas por produzir marcas duradouras dentro da cultura audiovisual do país”.

Do ponto de vista temático e nos limites do entretenimento, a televisão recicla de alguma forma o ideário nacional-popular, retratando o país em todo um conjunto de produtos ficcionais que vão sendo lançados – tentando, em alguns casos, inovar em termos de linguagem televisiva – e procurando incorporar novas tecnologias que, reflexo de um investimento financeiro expressivo, permitem a realização de produções em moldes hollywoodianos, como foram se tornando as chamadas “minisséries”, destinadas ao horário já ocupado pelos seriados (22h) (KORNIS, 2003, p.129)

Assim, ao escolher as minisséries, e mais especificamente as minisséries produzidas pela Rede Globo, é preciso visualizar o contexto no qual esses produtos passaram a ser veiculados. Após anos de opressão militar, e num período de redemocratização, as minisséries surgiram como um novo espaço de articulações das identidades brasileiras. Neste contexto, o formato obteve sucesso, sobretudo por possibilitar uma nova relação do público na forma não só de consumir os produtos televisivos, mas também na maneira com que as mudanças políticas e econômicas estavam acontecendo no Brasil, e, conforme nos lembra Lobo (1998, p. 121) “esses dados ajudam a compreender a grande ênfase pela temática urbana e revelam também a preocupação com mudanças, depois de mais de uma década de ufanismo: a busca do Brasil real”. Desta maneira, a minissérie firmou-se como um produto relevante dentro da construção das representações da cultura brasileira.

4.3 REDE GLOBO E A PRODUÇÃO ATUAL DE MINISSÉRIES

Hoje, ao pensar no contexto da produção seriada, algumas particularidades devem ser destacadas. Uma delas é o modo de exibição. Com o avanço das produções *on demand*, e com a distribuição em plataformas de *streaming*, a cultura das séries vem se expandindo conforme nos apresenta Silva (2014, p. 247) quando introduz o conceito de cibertelefilia, no qual “é no universo do digital, dentro e fora da rede que se armam os alicerces dessa espectralidade hiperconectada, típica de uma cultura das séries”. Plataformas digitais facilitam o acesso a obras das mais diversas culturas, países e perspectivas e com a entrada da plataforma Netflix em 2011 no Brasil, cria-se uma nova maneira de consumir esse tipo de produto.

Sem a imposição de uma grade de programação linear, que veicula as séries televisivas de acordo com uma frequência diária, semanal ou mensal, os serviços de streaming possibilitam ao espectador diversas maneiras de experiência estética que variam conforme o interesse, o tempo que ele pode dedicar à assistência dos episódios, ou mesmo em função dos dispositivos e recursos tecnológicos de que dispõe. (MUNGIOLLI; PENNER; IKEDA, 2018, p. 56)

Já localmente, será que é possível dizer que o público está consumindo as séries produzidas no Brasil da mesma forma? Segundo Silva (2013, p. 13) pode-se dizer que sim, como “resultado dessas novas dinâmicas espectralidades em torno das séries de televisão, especialmente, as de origem norte-americana” e o que está em jogo não diz respeito à produção, mas sim à forma como o público vem consumindo o produto seriado.

Em meio a tudo isso, as emissoras nacionais vêm tendo que se adaptar a essas transformações. A Rede Globo, maior produtora de ficção seriada, hoje produz diversas séries, inclusive com a criação de um canal de *streaming* próprio que oferece, nos mesmos moldes do Netflix, uma programação bem diversificada de seriados. No Globoplay, assinantes podem assistir a todas as séries lançadas pelo grupo, além de a maioria ser veiculada na TV aberta em horários nobres. Lançada em 3 de novembro de 2015, a plataforma de streaming da Rede Globo vem disponibilizando em seu conteúdo entre telenovelas, telejornais, séries das mais variadas épocas e,

“observa-se o esforço institucional do grupo Globo de compreender a dinâmica da relação do público com as chamadas novas mídias e, ao mesmo tempo, expandir as possibilidades de exploração das produções originais da Globo no sistema de *broadcasting*” (MUNGIOLI; PENNER; IKEDA, 2018, p. 58)

Além disso, e ainda de acordo com o estudo desenvolvido por Munglioli, Penner e Ikeda (2018), no qual traçam uma investigação na estratégia de streaming da plataforma Globoplay, a emissora vem produzindo séries exclusivas para a plataforma, veiculando-as também na sua grade de programação aberta com estratégias de marketing próprias para atrair o público para o Globoplay mostrando o esforço da emissora para “potencializar a aquisição de audiência de streaming por meio da difusão de seus produtos no sistema broadcasting” (2018, p. 61).

Assim, todas essas particularidades relativas às minisséries são fundamentais para entender a relevância que este produto possui nesta pesquisa, que busca relacionar a questão da representação em um produto que ainda merece atenção do meio acadêmico e produtivo, uma vez que estão transformando a maneira com a qual o público se relaciona com o produto midiático.

5 A MULHER NEGRA E A PRODUÇÃO SERIADA BRASILEIRA

Para atingir o objetivo desta pesquisa, que é o de investigar a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras e identificar uma possível mudança na construção simbólica da negritude feminina com o passar dos anos, faz-se necessário realizar um resgate da participação da mulher negra na televisão brasileira. A mídia, enquanto campo de construção simbólica de representações e de quebra ou perpetuação de estereótipos teve fundamental importância na definição do que é ser negro no país. As políticas de embranquecimento da população do Estado Novo, assim como a fixação do ideal de um povo brasileiro, fizeram parte do dia a dia das famílias brasileiras, que desde a chegada da televisão, na década de 1950, acompanham a criação de heróis e anti-heróis através da representação de tipos que simbolizavam o que é bom ou ruim, o que é bonito ou feio. Os negros, e mais especificamente as negras, sempre estiveram presentes na teledramaturgia brasileira, e, por meio dos estudos desenvolvidos por Araújo (2000) é possível identificar de que maneira essa participação se desenvolveu. Assim, este capítulo é fundamental para entender a participação das mulheres negras e se essa possível representação continua ou não presa aos estereótipos.

5.1 A MÍDIA COMO CAMPO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

A questão da identidade e da representação está atrelada à mídia. Nas suas mais diversas possibilidades, os produtos midiáticos veiculam conteúdos que auxiliam na representação de modelos sociais, sobretudo quando se fala de produtos midiáticos de massa, como a televisão, por exemplo. Historicamente, a busca pela construção de uma identidade nacional por meio da miscigenação, da apropriação cultural e de uma suposta democracia racial esteve presente, principalmente em telenovelas, produtos que falam muito sobre a cultura latinoamericana e que trabalham numa perspectiva de construção de imaginários coletivos.

A representação e a construção da identidade foram temas trazidos à tona por Stuart Hall, que, indo contra as teorias críticas que acreditavam que o público era simplesmente manipulado pela mídia, trouxe aos meios de comunicação o olhar

da recepção e das negociações que o público estabelece, dando um novo significado para as mensagens e conteúdos veiculados. Assim, ao considerar a fragmentação cultural, típica da pós-modernidade, a questão da identidade cada vez mais é vista como produto das relações sociais, e, assim como a sociedade, é plural e tem seus sentidos negociados.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL *apud* HALL, 2006, p. 13)

Dessa maneira, a linguagem é um dos principais espaços de construção e reconstrução da identidade, e os meios de comunicação tornam-se elementos centrais na representação social. As relações de poder também são fatores preponderantes quando se fala nesse processo, uma vez que é essa relação que permeia a sociedade e é através delas que se legitimam discursos. Nessa perspectiva, Castells distingue três formas de construção de identidade:

- A *identidade legitimadora*, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais.
- A *identidade de resistência*, criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência, com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade.
- A *identidade de projeto*, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscam a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p.24).

Assim, as representações da mídia interferem diretamente na construção da identidade negra. Como classe estigmatizada tanto pelo viés do racismo quanto do sexismo, as mulheres negras sempre ocuparam espaços estereotipados, que as excluem do ideal físico, social e econômico objetivado pelos espaços midiáticos que, conforme já falado anteriormente, buscam modelos que em nada retratam a realidade e o contexto brasileiro. Na TV, a imagem das “mulatas” durante o Carnaval e os estereótipos historicamente construído das mulheres negras – hiperssexualizada ou sempre retratadas por serviçais e pessoas mais humildes, sem história, família, etc. – pelas telenovelas, assim como a ausência de negros

exercendo protagonismo nas mídias, por exemplo, reforçam o mito da democracia racial e, sobretudo, a dificuldade que a mulher negra tem em aceitar suas características.

Em todos os campos de produção da televisão, meio de maior alcance no Brasil, como a publicidade, os empresários, produtores, sempre dão preferência aos brancos em anúncios publicitários, na estética da TV e nas narrativas televisivas (ARAÚJO, 2000, p. 39). Com isso, a construção da identidade acaba tornando-se uma questão controversa para as mulheres, que não conseguem se ver representadas e, assim, não se identificam nem como negras, nem como brancas, como nos recorda Eugene Francklin.

O corpo negro, sua cor, seu cabelo, seus traços físicos, elementos primários da sua subjetividade e da sua identidade, recebem tratamento desigual na nossa sociedade marcada pelo racismo. Assim, os negros tendo seus corpos segregados, por vezes, tomam o corpo do outro como ideal. (FRANCKLIN, 2017, p. 63)

Assim, a problematização das ausências de representações da raça negra, e, sobretudo das mulheres negras, foco deste estudo, está diretamente ligada à mídia, e somente a partir de levantamentos e um olhar analítico será possível discutir questões como o mito de uma democracia racial e os avanços das discussões interseccionais interferem na maneira que os negros vêm sendo representados na sociedade.

5.2 MÍDIA, FICÇÃO SERIADA E A MULHER NEGRA

Muitos são os fatores que fazem da mídia televisiva um fator importante quando se fala em construção da identidade nacional. Entre eles, é possível citar o caráter massivo, que faz com que a mesma mensagem chegue aos quatro cantos do país, assim como a característica de ser um meio que explora de maneira recorrente a ficção seriada. Em especial a televisão, que auxiliou – e auxilia – na representação de estereótipos, sobretudo no que diz respeito à população negra.

Durante o Carnaval, a televisão brasileira, em dezenas de horas de imagens transmitidas dos desfiles carnavalescos nos sambódromos do Rio de Janeiro e de São Paulo, apresenta, para todo o país e para o turista estrangeiro, um 'espetáculo da miscigenação' e da participação dos negros na sociedade brasileira, semelhante àquele espetáculo que nos finais do século XIX chamou a atenção dos viajantes europeus que desembarcaram por aqui. Entretanto, durante o ano inteiro, a telenovela brasileira e os comerciais continuam confirmando a vitória simbólica da ideologia do branqueamento e da democracia racial brasileira (ARAÚJO, 2000, p. 38).

A questão da representação na mídia e a maneira como ela está presente na construção da identidade passou a ganhar espaço com o avanço dos estudos culturais, que trouxeram um novo panorama sobre a sociedade pós-moderna, conforme já visto anteriormente. Além de pensar na relação homem X mídia e de que maneira os dois atores se relacionam, o deslocamento no olhar para a maneira com que o público interage e recebe as diferentes mensagens foi fundamental para se compreender alguns fenômenos, sobretudo os de massa. Assim, a mudança de foco para os estudos de recepção possibilitou aos países latino-americanos investigar a relação entre os meios e a sociedade latina sob uma perspectiva cultural própria.

Desta forma, o cinema, o rádio e a televisão passaram a ser considerados fundamentais nos estudos dos meios de comunicação, sendo importantes ferramentas de unificação social e cultural da América Latina. Ao falar sobre produtos midiáticos tipicamente latinos como os melodramas reproduzidos pelas rádios e telenovelas, Martin-Barbero reitera o quanto a massificação é estrutural na sociedade latino-americana e a maneira com que ela se coloca como uma nova forma de sociabilidade e não somente mais um aspecto. Desta forma, repensar o popular a partir dos produtos massivos vai além da alienação e da manipulação, mas sim de novas formas de resistência e de existência (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 310).

Pensar o coletivo tornou-se uma possibilidade de pensar as individualidades em uma sociedade latino-americana híbrida e miscigenada, com características próprias e que em muito interferem na recepção das mensagens. Também o desenvolvimento e aperfeiçoamento de produtos tipicamente latinos ganharam espaço nos estudos de comunicação, mostrando o quanto a construção da identidade é influenciada pelos meios e o quanto o público participa do processo de construção comunicacional. E o Brasil, apesar de se diferenciar dos outros países da América Latina pela língua, sobretudo, participa da mesma lógica e,

mesmo que o melodrama explorado por países como México, por exemplo, já não seja a narrativa base das telenovelas brasileiras, continua tendo neste produto uma grande ferramenta de representação e de construção da identidade.

No Brasil as telenovelas representam aspectos da cultura nacional, integrando e construindo ao mesmo tempo sua identidade. Além de ser um produto cultural, ela está interligada à realidade social dos sujeitos por meio das representações sociais. Perpassando a função de entretenimento ela espelha a realidade do cotidiano (RIBEIRO; TUZZO, 2013, p. 6).

Assim, a televisão, e especificamente a ficção seriada, tem papel fundamental na criação da imagem que se tem das mais diferentes culturas. Ao se aproximar da realidade e ao entrar na casa das famílias, todos os dias, contando histórias e criando símbolos e personagens, as telenovelas constroem um imaginário sobre a população. No livro *A negação do Brasil*, Joel Zito Araújo (2000) traça um panorama dessa representação, trabalhando com um repertório de novelas brasileiras exibidas durante o período de 1963 a 1997. A obra é um grande marcador no que diz respeito aos estudos sobre a participação negra na televisão e traz luz à questão levantada nesta pesquisa, e, por meio de análises dos personagens negros presentes nas produções, a obra de Joel Zito demonstra que, sim, a representação dos negros na telenovela ainda está bem longe de ser a ideal.

Para contextualizar sua pesquisa, Araújo ressalta a importância de se estudar a influência que a *soap opera* norte-americana e o cinema estadunidense tiveram na representação dos negros na ficção seriada brasileira. Assim como no Brasil, os Estados Unidos também possuem uma história de injustiça racial, típico de países que tiveram em seu passado a escravidão. No entanto, a história americana não é representada pela busca pelo branqueamento, pelo contrário. Lá foram criados polos distintos, e a miscigenação nunca foi tida de forma positiva. Brancos são brancos e negros são negros, é o *racismo de origem*, explicitado por Nogueira (2003) e já discutido anteriormente.

A condição do mulato na sociedade norte-americana, ao longo do século XX, pode ser ilustrada pelas transformações na história dos personagens negro-mestiços no cinema de Hollywood. Embora a categoria de 'mulato' tenha deixado de ser considerada pelo censo norte-americano desde 1910, a indústria cinematográfica manteve o estereótipo do mulato trágico até o meio do século, revelando que o processo de miscigenação, comum a toda sociedade escravista, persistiu como um drama para negros e brancos até o final dos anos 50 (ARAÚJO, 2000, p. 46).

Assim, com o tempo, o cinema industrial e a televisão americana passaram a perpetuar alguns dos mais difundidos estereótipos do negro. E por sua produção em larga escala, popularizou ideias sobre a representação da população negra nos mais diversos países. Entre alguns dos estereótipos preconizados da mulher negra e descrito por Araújo (2000) estão o da *mammie*, empregada, cozinheira, gorda, que vivia nos bastidores e que tinha sempre o papel de cuidar de todos e de tudo, no entanto, não tinha filhos, família, história pessoal ou passado. Este, assim como o do mulato trágico, o do negro brutal e hiperssexualizado e do criado subserviente foram apenas algumas das representações do negro no cinema norte-americano.

O movimento dos Direitos Civis, nos anos 60, trouxe uma nova realidade nas produções audiovisuais e os personagens negros passaram a ter mais espaço. E, com o avanço das discussões, Araújo (2000) mostra que o número de papéis positivos destinados aos negros aumentaram, sobretudo nas tradicionais *sitcoms* americanas. Afinal, ao não veicular programas que trouxessem a temática do racismo e da cultura afro-americana, estava-se poupando a população de pensar em temas insolucionáveis e infelizes, e o negro passou a associar-se à comédia pois nesse tipo de narrativa não se questionava a segregação e o seu lugar na sociedade (ARAÚJO, 2000, p. 52). No entanto, os tradicionais estereótipos persistiram, e os negros continuaram sendo submetido aos mesmos papéis, sempre secundários, como é possível de se observar no estudo realizado por Solange Martins Couceiro de Lima, em sua obra *A personagem negra na televisão*.

Como nas décadas de 70 e 80, as empregadas domésticas da década de 90 são mantidas de modo constante e recorrente. Sempre presentes nas telenovelas, apresentam variações: herdeiras das mucamas, das amas-de-leite, bisbilhoteiras, irreverentes sem “saber o seu lugar”, submissas, objeto do desejo dos patrões. Algumas mudanças podem se apresentar na “roupagem”, o que não compromete a essência da característica das personagens: foi encontrada, por exemplo, uma governanta que se apresentava maquilada e de vestido de seda; uma empregada mais falante e participante, que tem a patroa como modelo a ser imitado, ou mesmo a sedutora que, apesar de objeto sexual do patrão, manipula de modo mais consciente seus atributos de sedução (COUCEIRO DE LIMA, 2000).

Mesmo com o avanço da linguagem das telenovelas, os estereótipos permaneceram, comprovando que essa é uma prática comum na representação da diferença racial. Assim, é possível presumir que o negro continua sendo visto de forma inferior, tendo em vista que a “estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza

e fixa a diferença. [...] a estereotipagem implanta uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e aceitável, do anormal e inaceitável” (HALL, 2016, p. 191).

Com exceção das telenovelas em que o tema escravidão esteve presente, o papel do negro, na ficção seriada brasileira, apesar de aumentar em decorrência da militância do movimento negro e das leis que obrigam um percentual de participação de atores negros nas produções, manteve-se baixo, tendo em vista que o Brasil é um país que possui mais de 50% da sua população negra (entre pretos e pardos).

Por trás disso está a coisa mais complicada com que brigar, que é, antes de tudo, a internalização do racismo na nossa cultura e nas nossas mentes. Por que o nosso imaginário latino-americano é baseado na vontade de fazer desse continente um continente europeu. Na vontade de ser tornar um continente branco. Então, a nossa grande complicação é porque até hoje permanece, não só no fundo da psique de cada um de nós, mas principalmente, na dos produtores de cultura, naqueles que estão no topo da televisão, da publicidade e até mesmo do cinema, uma ideia de que o belo é branco, ser primeiro mundo é branco (ARAÚJO, 2007, p. 67).

Na história da ficção seriada brasileira, poucas vezes se viu negros em papéis principais. Além disso, poucas vezes se aborda a questão do racismo nas narrativas, uma vez que isso implica em assumir que sim, ele existe de forma estrutural na sociedade, e a discussão acaba se tornando mais um elemento diluído no enredo e pouco aproveitado. Desta forma, assim como o mito da democracia racial, a discussão do racismo e da negação de direitos à população negra no Brasil, apesar de estar cada vez mais sendo levantada pelos movimentos negros, ainda é superficial nas narrativas midiáticas. Normalmente, o que se observa é que esse tipo de reflexão serve para diminuir a culpa por um passado e um presente de opressão e, conforme nos lembra Araújo (2006, p. 77), “mesmo diante de fatos [racismo] como esses, que podem ser encontrados diariamente nos jornais, grande parte de nossa intelectualidade continua acreditando que o problema é somente de classe, e não de raça”.

Outra questão importante diz respeito à produção do produto seriado, conforme atenta Araújo (2007). O processo de construção desta narrativa envolve não só um autor, mas toda uma equipe de coautores, diretores, e, sobretudo o público, que, amparados pela audiência demonstram o que querem consumir ou não. É preciso pensar, dentro dessa perspectiva de criação de uma representação da população negra, que os autores das novelas – e a maioria da equipe que as

produzem – são pessoas brancas, de classe média ou alta, que têm uma única visão da questão negra, na perspectiva de uma pessoa com privilégios e que de nada entende dos reais problemas que a discriminação traz na construção da identidade dos negros.

A raiz desse desvio está possivelmente no fato de que [...] a cabeça do autor de telenovela [...] é uma cabeça de uma pessoa da “Zona Sul”. É de quem conviveu pacificamente com a empregada doméstica em sua casa, gostou dela porque ela tratou ele muito bem, deu *Toddynho* de manhã, passou sua roupa. Enfim, é a cabeça de quem conviveu na infância e na adolescência com pessoas negras em sua casa, mas como serviçais. Que adorava a dona Maria, que a via quase como parte da família – mas sempre como subalterna, sem se interessar por sua família ou sua comunidade de origem (ARAÚJO, 2007, p. 65).

Assim torna-se quase impossível ver negros nos elencos centrais ou ainda temáticas válidas acerca do problema da desigualdade racial, uma vez que o negro, além de tudo, não se vê representado nas telenovelas. Assim como na dramaturgia, os atores negros também não têm o mesmo espaço que atores brancos além da telenovela. Toda a indústria de entretenimento, que envolve a vida dos atores, é focada nos artistas brancos e protagonistas e sobra pouco espaço para os afrodescendentes.

Muitos autores argumentam que a ausência de personagens negras nos seus textos se deve à falta de bons atores negros e de bons autores que escrevam para negros. Esse argumento é extremamente contraditório para uma sociedade que, bem ou mal, ainda se pensa racialmente democrática e homogênea, pois implica a proposta de uma dramaturgia e formação diferenciadas, racialmente específicas e, portanto, separadas para brancos e negros. A profissão de ator é um exercício: quanto mais se exercita melhor se torna o desempenho. Pois bem, isso tem que valer para o negro. Ao ser escalado, poderá treinar e exercitar, o que não acontecerá se sua atuação se restringir a papéis específicos (COUCEIRO DE LIMA, 2018, p. 97).

No entanto, é importante salientar que as discussões acerca da questão racial, incluindo a pauta interseccional, que já havia conseguido conquistas significativas quando, em 2002, conseguiu aprovar na Câmara um decreto que garante a presença mínima de 25% de negros nos elencos das produções televisivas e 40% nas peças publicitárias, vêm crescendo na sociedade civil, muito em razão do contexto atual tecnológico e muito pelos movimentos negros, incluindo o feminismo negro. Assim, ao trazer para os meios de comunicação a discussão

sobre a participação de negros nas produções, o movimento negro traz uma pressão para que a televisão esteja atenta a essa questão, “ou seja, nesta etapa intensa de globalização acontece um fenômeno inverso, de emergência das identidades étnicas, e de intensa pressão sobre as mídias pelo seu reconhecimento” (ARAÚJO, 2007, p. 70). Mas é preciso lembrar que a presença de negros nas produções ainda não é significativa, e por isso estudos como esta pesquisa são relevantes para identificar, questionar e levantar problemas que devem ser combatidos, como o racismo.

Assim, a discussão sobre a participação dos negros nas telenovelas e demais narrativas da ficção audiovisual brasileira, produtos que têm grande impacto na construção das identidades nacionais, deve ganhar força não só junto à opinião pública, mas também em meios acadêmicos para que se possa cada vez mais trazer a representatividade para o campo das discussões e, assim, formar uma sociedade cada vez mais justa e igualitária. É um esforço conjunto e de entender, sobretudo, a importância de se assumir o papel do negro dentro da sociedade brasileira.

6 MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES BRASILEIRAS DURANTE AS DÉCADAS DE 80 A 2010

Para conseguir identificar como vem sendo construída a representação da mulher negra ao longo das quatro últimas décadas, este capítulo se dedicará a levantar dados quantitativos relativos à participação de atrizes negras, observando qual a participação dentro do produto seriado de personagens negras. Assim, será produzido um mapeamento dos personagens das minisséries de ficção, de acordo com os dados disponibilizados pelo projeto Memória Globo. Ainda, será possível percorrer todo o histórico das minisséries brasileiras, com vistas aos avanços do estudo deste formato. Após este levantamento, uma análise de conteúdo pretende trazer uma visão mais aprofundada a respeito da discussão gênero-raça, identificando de que maneira, por meio dos dados apresentados, a diversidade racial brasileira vem sendo representada com foco na mulher negra. Assim, todo o percurso metodológico percorrido pela pesquisa é descrito, a fim de apresentar dados, problematizações e análises decorrentes do levantamento e que possam vir a contribuir com a construção de uma nova perspectiva racial no Brasil.

6.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico utilizado para a construção da base de dados desta pesquisa quantiquantitativa incluiu, em uma etapa exploratória, o levantamento das minisséries produzidas pela Rede Globo e disponíveis na plataforma do projeto Memória Globo³ no período de 1982 a 2018. Esse recorte temporal foi selecionado tendo em vista os dados disponibilizados pela Rede Globo, e considerando desde a primeira produção (*Lampião e Maria Bonita* - 1982) de um produto oficialmente denominado minissérie pela emissora até a última minissérie catalogada pelo projeto (*Treze Dias Longe do Sol* - 2018). Para esta pesquisa, a ser desenvolvida com base neste formato, a categoria a ser observada é a de entretenimento, que está dividida dentro do projeto em: novelas, minisséries, seriados, humor, auditório e variedades, infantojuvenis, musicais e shows, reality shows, teleteatros e especiais. A diferenciação entre os três principais formatos da teledramaturgia nacional já foi explicitada em capítulo destinado ao formato objeto deste estudo.

³ <https://memoriaglobo.globo.com/>

Também é interessante observar que, conforme já explorado anteriormente na discussão a respeito da minissérie, este recorte diz respeito a um período de redemocratização do país, que acabava de sair de um período de repressão e que estava retomando sua liberdade, que também se refletia na produção midiática como um todo. Assim, é possível observar como as pautas advindas da sociedade de forma espontânea e também suscitadas por estudos acadêmicos, econômicos e sociais se refletem nas narrativas audiovisuais. Dentro deste percurso histórico, o recorte permite também observar de que maneira a mídia tradicional televisiva está se adaptando às novas linguagens e formas de consumo, se reestruturando e produzindo conteúdos e formas de exibição diferenciadas.

6.1.1 MINISSÉRIES NA REDE GLOBO

Na categoria a ser analisada nesta dissertação, as minisséries dentro do projeto Memória Globo apresentam registros como descrição da trama principal, detalhes de produção, curiosidades, fotos, vídeos, prêmios, detalhes da trilha sonora, prêmios conquistados, ficha técnica, entre outros. No detalhamento das fichas técnicas, constam os nomes de todos os profissionais envolvidos, além de detalhes como quantidade de capítulos, autoria e horário de exibição. Como o objetivo do trabalho é discutir dados que demonstrem o quanto e de que maneira as mulheres negras vêm sendo representadas nas minisséries – que possuem maior liberdade criativa em todas as suas etapas, incluindo roteiro, direção, edição, entendendo que esses são produtos que refletem as pautas da sociedade brasileira –, a pesquisa classificou cada uma das 91 minisséries por seus gêneros, de acordo com o descritivo de cada uma delas no projeto e descrito no QUADRO 2:

QUADRO 2: MINISSÉRIES BRASILEIRAS DIVIDIDOS EM GÊNEROS

Série	Ano	Gênero
Lampião e Maria Bonita	abr 1982	Série biográfica
Avenida Paulista	mai 1982	Série de ficção
Quem ama não mata	jul 1982	Série inspirada em fatos reais
Moinhos de Vento	jan 1983	Série de ficção

Bandidos da falange	jan 1983	Série de ficção
Parabéns pra você	fev 1983	Série de ficção
Padre Cícero	abr 1984	Série biográfica
Anarquistas, graça a deus	mai 1984	Adaptação do livro <i>Anarquistas, Graças a Deus</i> , de Zélia Gattai
Meu destino é pecar	mai 1984	Adaptação do livro <i>Meu Destino é Pecar</i> , de Nelson Rodrigues
A máfia no Brasil	set 1984	Adaptação do livro <i>A Máfia no Brasil</i> , de Edson Magalhães
Rabo de saia	out 1984	Inspirada no livro <i>Pensão Riso das Noites: Rua das mágoas</i> , de José Condé
O tempo e o vento	abr 1985	Adaptação do livro <i>O Continente</i> , de Érico Veríssimo
Tenda dos milagres	jul 1985	Adaptação do livro <i>Tenda dos Milagres</i> , de Jorge Amado
Grande Sertão Veredas	nov 1985	Adaptação do livro <i>Grande Sertão Veredas</i> , de Guimarães Rosa
Anos Dourados	mai 1986	Série de ficção
Memórias de um gigolô	jul 1986	Adaptação do livro <i>Memórias de um Gigolô</i> , de Marcos Rey
O pagador de promessas	abr 1988	Adaptação da peça teatral <i>O Pagador de Promosses</i> , de Dias Gomes
O primo Basílio	ago 1988	Adaptação do livro <i>O Primo Basílio</i> , de Eça de Queiroz
Abolição	nov 1988	Série de ficção
Sampa	set 1989	Série de ficção
República	nov 1989	Série de ficção
Desejo	mai 1990	Série biográfica
A E I O Urca	jun 1990	Série de ficção
Boca do Lixo	jul 1990	Série de ficção

Riacho Doce	jul 1990	Adaptação do livro <i>Riacho Doce</i> , de José Lins do Rêgo
La Mamma	out 1990	Adaptação do livro <i>La Mamma</i> , de André Roussin
Meu marido	mai 1991	Série de ficção
O Sorriso do Lagarto	jun 1991	Adaptação do livro <i>O Sorriso do Lagarto</i> , de João Ubaldo Ribeiro
O Portador	set 1991	Série de ficção
Tereza Batista	abr 1992	Adaptação do livro <i>Tereza Batista</i> , de Jorge Amado
As noivas de Copacabana	jun 1992	Série de ficção
Anos Rebeldes	jul 1992	Série de ficção
Contos de Verão	abr 1993	Série de ficção
Sex Appeal	jun 1993	Série de ficção
Agosto	ago 1993	Adaptação do livro <i>Agosto</i> , de Rubem Fonseca
A Madona de Cedro	abr 1994	Adaptação do livro <i>A Madona de Cedro</i> , de Antonio Callado
Memorial de Maria Moura	mai 1994	Adaptação do livro <i>Memorial de Maria Moura</i> , de Rachel de Queiroz
Incidentes em Antares	nov 1994	Adaptação do livro <i>Incidente em Antares</i> , de Érico Veríssimo
Engraçadinha...seus amores e seus pecados	abr 1995	Adaptação do livro <i>Asfalto Selvagem: Engraçadinha, seus amores e seus pecados</i> , de Nelson Rodrigues
Decadência	set 1995	Série de ficção
Dona Flor e seus dois maridos	mar 1998	Adaptação do livro <i>Dona Flor e seus Dois Maridos</i> , de Jorge Amado
Hilda Furacão	mai 1998	Adaptação do livro <i>Hilda Furacão</i> , de Roberto Drummond
Labirinto	nov 1998	Série de ficção

O auto da compadecida	jan 1999	Adaptação da peça <i>O Auto da Compadecida</i> , de espetáculo Ariano Suassuna
Chiquinha Gonzaga	jan 1999	Série biográfica
Luna Caliente	dez 1999	Adaptação do livro <i>Luna Caliente</i> , de Mempo Giardinelli
A muralha	jan 2000	Adaptação do livro <i>A Muralha</i> , de Diná Silveira de Queiroz
A invenção do Brasil	abr 2000	Série de ficção
Aquarela do Brasil	ago 2000	Série de ficção
Os Maias	jan 2001	Adaptação do livro <i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz
Presença de Anita	ago 2001	Adaptação do livro <i>Presença de Anita</i> , de Mário Donato
O quinto dos infernos	jan 2002	Série de ficção
A casa das sete mulheres	jan 2003	Adaptação do livro <i>A Casa das Sete Mulheres</i> , de Leticia Wirchiweski
Um só coração	jan 2004	Série de ficção
Hoje é dia de Maria	jan 2005	Série de ficção
Mad MAría	jan 2005	Série biográfica
Hoje é dia de Maria (segunda jornada)	out 2005	Série de ficção
JK	jan 2006	Série biográfica
Amazônia - de Galvez a Chico	jan 2007	Adaptação dos livros <i>O Seringal</i> , de Miguel Ferrante e <i>Terra Caída</i> , de José Potyguara
A Pedra do Reino	jun 2007	Adaptação dos livros <i>O Romance d'a Pedra do Reino</i> e <i>O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta</i> , de Ariano Suassuna
Queridos amigos	fev 2008	Série de ficção
Poeira em Alto-Mar	fev 2008	Série de ficção
Capitu	dez 2008	Adaptação do livro <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis

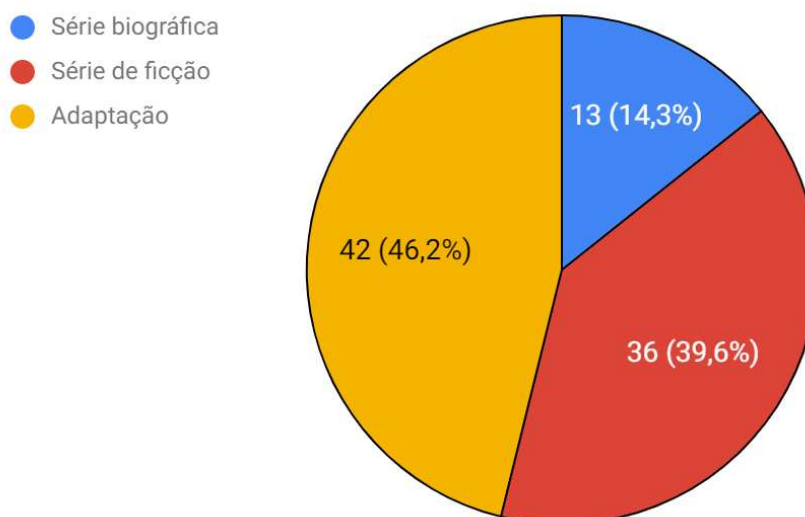
Maysa	jan 2009	Série Biográfica
Deu a louca no tempo	jan 2009	Série de ficção
Som & Fúria	jul 2009	Adaptação da série <i>Slings and Arrows</i> , de Susan Coyne, Mark McKinney e Bob Martin
Acampamento de férias	out 2009	Série de ficção
Cinquentinha	dez 2009	Série de ficção
Dalva e Herivelto	jan 2010	Série biográfica
Amor em 4 atos	jan 2011	Série de ficção
O bem amado	jan 2011	Adaptação da telenovela <i>O Bem Amado</i> , de Dias Gomes
Acampamento de férias II	jan 2011	Série de ficção
Chico Xavier	jan 2011	Série biográfica
Acampamento de férias III	jan 2012	Série de ficção
Derci de Verdade	jan 2012	Série biográfica
O brado retumbante	jan 2012	Série de ficção
Xingu	dez 2012	Adaptação do filme <i>Xingu</i> , de Cao Hamburger
O canto da sereia	jan 2013	Adaptação do livro <i>O Canto da Sereia - um Noir Baiano</i> , de Nelson Motta
Gonzaga de Pai pra Filho	jan 2013	Série biográfica
O tempo e o vento	jan 2014	Adaptação do livro <i>O Tempo e o Vento</i> , de Érico Veríssimo
Amores roubados	jan 2014	Adaptação do livro <i>A Emparedada da Rua Nova</i> , de Carneiro Vilela
Serra Pelada - a Saga do Ouro	jan 2014	Adaptação do filme <i>Serra Pelada</i>
Felizes para sempre?	jan 2015	Adaptação da minissérie <i>Quem Ama Não Mata</i>
Ligações perigosas	jan 2016	Adaptação do livro <i>As Ligações Perigosas</i> , de Chordelos de Laclos

Alemão, os dois lados do complexo	jan 2016	Série de ficção
Justiça	ago 2016	Série de ficção
Aldo - Mais forte que o mundo	jan 2017	Série biográfica
Dois irmãos	jan 2017	Adaptação do romance <i>Dois Irmãos</i> , de Milton Hatoum
Malasartes	dez 2017	Série de ficção
Entre Irmãs	jan 2018	Adaptação do filme Entre Irmãs
Treze dias longe do sol	jan 2018	Série de ficção

Fonte: a autora (2019)

Com os dados coletados é possível observar que grande parte das minisséries veiculadas pela Rede Globo são adaptações de livros, peças e filmes. Também as séries de ficção e biográficas se fazem presente, conforme GRÁFICO 1:

GRÁFICO 1: PERCENTUAL DE MINISSÉRIES DIVIDIDAS POR GÊNERO



Fonte: a autora (2019)

Percebe-se, assim, a predominância de minisséries que são criadas com base em obras literárias e que, conforme nos lembra Balogh (2004, p.95) “as marcas de autoria e a clausura da minissérie em relação aos demais formatos de ficção na

TV as tornam ideais para as adaptações da literatura, pois o formato representa o seu congênere mais próximo em termos audiovisuais”. No entanto, os roteiros originais também são significativos na história da minissérie brasileira, e nesta pesquisa, este será o recorte a ser trabalhado, uma vez que esse gênero garante a livre criação, incorporando elementos da realidade em sua narrativa. Ainda, dentro do universo das 36 séries com roteiro original e nesta etapa exploratória foi possível observar que desse corpus inicial, 9 são de séries que possuem cunho histórico, não retratando assim a realidade em que a minisséries estava sendo exibida. Como o objetivo do trabalho é discutir dados que demonstrem o quanto e de que maneira as mulheres negras vêm sendo representadas, as minisséries de época foram descartadas, levando em consideração que, nesta perspectiva, as mulheres negras sempre serão representadas como escravas. Assim, chegou-se a um corpus de 27 minisséries de ficção com linguagens e narrativas condizentes com seus períodos de veiculação. Este será o corpus a ser trabalhado para investigar a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras. As minisséries a serem trabalhadas neste projeto, portanto, estão descritas no QUADRO 3:

QUADRO 3: MINISSÉRIES DE FICÇÃO

Série	Ano	Gênero	Ambientação
Avenida Paulista	mai 1982	Série de ficção	Atual
Moinhos de Vento	jan 1983	Série de ficção	Atual
Bandidos da falange	jan 1983	Série de ficção	Atual
Parabéns pra você	fev 1983	Série de ficção	Atual
Sampa	set 1989	Série de ficção	Atual
Boca do Lixo	jul 1990	Série de ficção	Atual
Meu marido	mai 1991	Série de ficção	Atual
O Portador	set 1991	Série de ficção	Atual
As noivas de Copacabana	jun 1992	Série de ficção	Atual
Contos de Verão	abr 1993	Série de ficção	Atual

Sex Appeal	jun 1993	Série de ficção	Atual
Decadência	set 1995	Série de ficção	Atual
Labirinto	nov 1998	Série de ficção	Atual
Hoje é dia de Maria	jan 2005	Série de ficção	Atual
Hoje é dia de Maria (segunda jornada)	out 2005	Série de ficção	Atual
Poeira em Alto-Mar	fev 2008	Série de ficção	Atual
Deu a louca no tempo	jan 2009	Série de ficção	Atual
Acampamento de férias	out 2009	Série de ficção	Atual
Cinquentinha	dez 2009	Série de ficção	Atual
Amor em 4 atos	jan 2011	Série de ficção	Atual
Acampamento de férias II	jan 2011	Série de ficção	Atual
Acampamento de férias III	jan 2012	Série de ficção	Atual
O brado retumbante	jan 2012	Série de ficção	Atual
Alemão, os dois lados do complexo	jan 2016	Série de ficção	Atual
Justiça	ago 2016	Série de ficção	Atual
Malasartes	dez 2017	Série de ficção	Atual
Treze dias longe do sol	jan 2018	Série de ficção	Atual

Fonte: a autora (2019)

6.1.2 MULHERES NEGRAS NAS MINISSÉRIES DA REDE GLOBO

Para iniciar a investigação a que se pretende esta pesquisa, identificando a participação das mulheres negras nas minisséries, esta etapa exploratória baseou-se na ficha técnica disponibilizada pelo projeto Memória Globo. Como não há no descritivo técnico indicativo de raça, optou-se por, inicialmente, separar personagens masculinos dos femininos e, dentro do universo de mulheres, identificar quais eram as atrizes negras, com base nas noções apresentadas por Nogueira (2006), que realiza um estudo sob a perspectiva sociológica acerca das

relações raciais no Brasil. Segundo o autor, no Brasil, há o que se pode chamar de preconceito de marca, que está relacionada à aparência, à cor da pele e aos traços negróides que o indivíduo apresenta, diferente dos Estados Unidos, por exemplo, em que a origem do indivíduo é que é determinante para a existência ou não do preconceito, sendo assim um preconceito de origem.

Assim, no Brasil, a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides; e tal preconceito não é incompatível com os mais fortes laços de amizade ou com manifestações incontestáveis de solidariedade e simpatia. Os traços negróides, especialmente numa pessoa por quem se tem amizade, simpatia ou deferência, causam pesar, do mesmo modo por que o causaria um “defeito” físico. Desde cedo se incute, no espírito da criança branca, a noção de que os característicos negróides enfeiam e tornam o seu portador indesejável para o casamento. (NOGUEIRA, 2006, p. 296)

Desta maneira, procurou-se identificar, por meio de pesquisa de fotos, vídeos e materiais disponibilizados na internet, se a atriz que constava na ficha técnica possuía traços negróides, como cor de pele, cabelo, lábios, relacionando a estética à questão do racismo de marca citado pelo autor.

Assim, foi possível coletar dados como a participação de homens, mulheres brancas e mulheres negras nas minisséries. Ainda, dentro deste percurso, categorizou-se os personagens em elenco principal e elenco secundário. O critério determinado para essa classificação partiu do entendimento que, na ficha técnica descrita pelo projeto Memória Globo existem muito mais atrizes que aquelas que aparecem na abertura da minissérie, em que também consta uma ficha técnica com nome das atrizes que representam as personagens mais relevantes na trama. Assim, estabeleceu-se como operador analítico o fato de que os nomes de atrizes que constam na abertura possuem maior importância na narrativa, podendo ser considerado como elenco principal. Já aqueles atores cujo nome só consta na ficha técnica do projeto Memória Globo foram categorizados como elenco secundário.

Abaixo, apresentação da coleta geral em que foram considerados todos os pontos aqui descritos. Importante observar que na coluna geral, estão descritos personagens por gêneros (Homens + Mulheres), e que as minisséries destacadas em azul são as que possuem personagens negras, seja em seu elenco principal, seja no secundário.

QUADRO 4: COLETA GERAL DOS DADOS

MINISSÉRIE				GERAL			HOMENS			MULHERES			NEGRAS		
Décadas	Série	Ano	Gênero	Personagens geral H+M	Elenco principal H + M	Elenco secundário H+M	Personagens homens (total)	Personagens homens principal	Personagens homens secundários	Personagens mulheres total	Mulheres Principal	Mulheres (secundário)	Personagens negras total	Negras elenco principal	Negras elenco secundário
DÉCADA DE 80	Avenida Paulista	1982	ficção	40	17	23	19	9	10	21	8	13	0	0	0
	Moinhos de Vento	1983	ficção	30	15	15	15	7	8	15	8	7	1	0	1
	Bandidos da falange	1983	ficção	39	20	19	28	11	17	11	9	2	2	2	0
	Parabéns pra você	1983	ficção	39	15	24	23	10	13	16	5	11	2	0	2
	Sampa	1989	ficção	32	12	20	22	6	16	10	6	4	0	0	0
DÉCADA DE 90	Boca do Lixo	1990	ficção	43	7	36	27	5	22	16	2	14	0	0	0
	Meu marido	1991	ficção	39	11	28	27	6	21	12	5	7	0	0	0
	O Portador	1991	ficção	50	50	0	25	28	-3	25	22	3	0	0	0
	As noivas de Copacabana	1992	ficção	39	26	13	21	13	8	18	13	5	1	1	0
	Contos de Verão	1993	ficção	49	22	27	24	14	10	25	8	17	1	0	1
	Sex Appeal	1993	ficção	60	36	24	34	22	12	26	14	12	1	1	0
	Decadência	1995	ficção	96	28	68	52	15	37	44	13	31	0	0	0
	Labirinto	1998	ficção	107	29	78	74	17	57	33	12	21	1	0	1
DÉCADA DE 2000	Hoje é dia de Maria	2005	ficção	89	30	59	51	20	31	38	10	28	1	1	0
	Hoje é dia de Maria (segunda jornada)	2005	ficção	27	25	2	13	12	1	14	13	1	2	2	0
	Queridos amigos	2008	ficção	50	35	15	29	20	9	21	15	6	1	1	0
	Poeira em Alto-Mar	2008	ficção / juvenil	15	14	1	11	10	1	4	4	0	1	1	0
	Deu a louca no tempo	2009	ficção / juvenil	9	8	1	7	6	1	2	2	0	0	0	0

	Acampamento de férias	2009	ficção / juvenil	26	19	7	21	14	7	5	5	0	0	0	0
	Ciquentinha	2009	ficção	61	30	31	37	17	20	24	13	11	1	0	1
DÉCADA DE 2010	Amor em 4 atos	2011	ficção	55	4	51	30	1	29	25	3	22	1	0	1
	Acampamento de férias II	2011	ficção / juvenil	41	14	27	28	8	20	13	6	7	0	0	0
	Acampamento de férias III	2011	ficção / juvenil	22	22	0	14	14	0	8	8	0	2	2	0
	O brado retumbante	2012	ficção	17	17	0	11	11	0	6	6	0	0	0	0
	Alemão, os dois lados do complexo	2016	ficção	24	21	3	20	18	2	4	3	1	2	2	0
	Justiça	2016	ficção	43	38	5	22	22	5	21	16	0	4	1	3
	Malasartes	2017	ficção	26	9	17	17	5	12	9	4	5	1	0	1
	Treze dias longe do Sol	2018	ficção	85	17	68	61	11	50	24	6	18	2	2	0
				1253	591	662	763	352	416	490	239	246	27	16	11

6.1.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao finalizar toda essa classificação, foi possível constatar que, das 27 minisséries levantadas como corpus, 17 apresentaram em seu elenco atrizes que representassem personagens negras. Sendo elas descritas no QUADRO 4:

QUADRO 4: MINISSÉRIES COM ATRIZES NEGRAS

Série	Ano
Moinhos de Vento	jan 1983
Bandidos da falange	jan 1983
Parabéns pra você	fev 1983
As noivas de Copacabana	jun 1992
Contos de Verão	abr 1993
Sex Appeal	jun 1993
Labirinto	nov 1998
Hoje é dia de Maria	jan 2005
Hoje é dia de Maria (segunda jornada)	out 2005
Poeira em Alto-Mar	fev 2008
Cinquentinha	dez 2009
Amor em 4 atos	jan 2011
Acampamento de férias III	jan 2012
Alemão, os dois lados do complexo	jan 2016
Justiça	ago 2016
Malasartes	dez 2017
Treze dias longe do sol	jan 2018

FONTE: a autora (2019)

De acordo com os dados coletados anteriormente, passou-se a trabalhar o cruzamento dos mesmos. O primeiro dado coletado diz respeito ao número total de

personagens considerando as categorias homem, mulher branca e mulheres negras. De um total de 1.253 personagens, observou-se o número de 763 personagens masculinos⁴, 463 mulheres brancas e 27 mulheres negras. Representado em porcentagem, o dado pode ser apresentado conforme o GRÁFICO 2:

GRÁFICO 1 – TOTAL DE PERSONAGENS



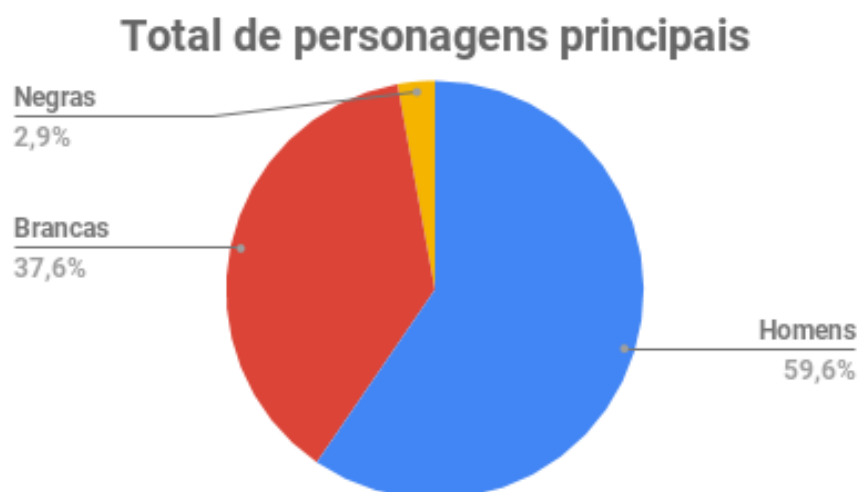
FONTE: A autora (2019).

Com este dado, é possível observar, portanto, que há um maior número de personagens masculinos, dado que revela a disparidade de gênero nas narrativas das minisséries brasileiras. Para isso, é preciso considerar também o processo de criação e produção do produto ficcional, que em sua maioria envolve profissionais homens, e do qual há pouco espaço para as mulheres. Este dado mostra também o quanto as esferas do sexismo e do racismo estão presentes na estrutura sociocultural de criação quando apresenta um número quase insignificante de personagens negras, bem diferente da realidade brasileira, que possui um número significativo da sua população de pretos e pardos.

Outro dado coletado diz respeito à quantidade de homens, mulheres brancas e mulheres negras em papéis principais. Foram observados, nas aberturas das minisséries, 591 personagens principais, destes 352 homens, 222 mulheres brancas e 17 mulheres negras, sendo representado conforme o GRÁFICO 3:

GRÁFICO 2 – PERSONAGENS NO ELENCO PRINCIPAL

⁴ Como o objetivo do trabalho é o recorte de gênero e raça, não foi realizado um levantamento que aponte os dados referentes a homens negros x homens brancos. Assim, os dados são apenas especulatórios.



FONTE: A autora (2019).

Aqui também é possível observar o predomínio da presença de homens, com mais da metade dos personagens principais sendo destinados a eles. Na categoria elenco principal as mulheres negras apresentaram 1% de aumento em relação ao total de personagens, no entanto o número ainda é baixo ao considerar o total de personagens. Já ao trazer o número de personagens no elenco secundário, é possível observar que dos 662 personagens, 416 são homens, 246 mulheres, das quais, 236 são mulheres brancas, enquanto apenas 10 são mulheres negras. A porcentagem é representada pelo GRÁFICO 4.

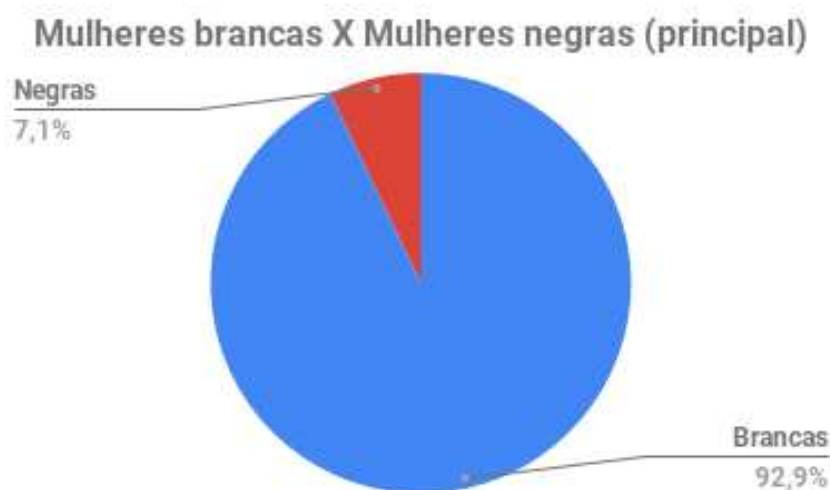
GRÁFICO 3 – PERSONAGENS NO ELENCO SECUNDÁRIO



FONTE: A autora (2019).

Assim, nos três gráficos apresentados anteriormente foi possível observar a desigualdade de gêneros na esfera da produção das minisséries brasileiras. Para entender de que maneira se dá a representação da questão interseccional, no entanto, fez-se necessário realizar o cruzamento de dados entre os dados referentes às mulheres exclusivamente. Assim, o primeiro dado observado foi no que compete ao total de mulheres brancas e negras. Foram quantificadas 463 mulheres brancas e 27 mulheres negras.

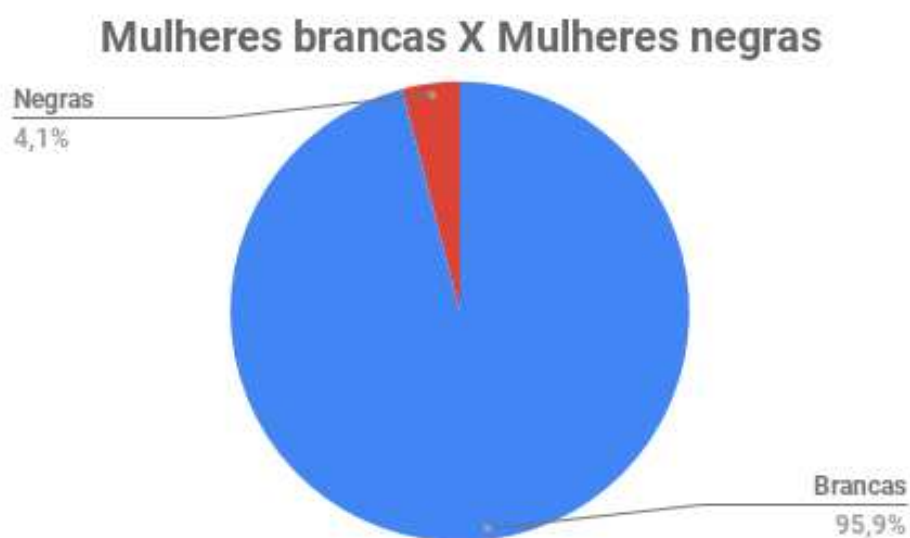
GRÁFICO 4 – ELENCO PRINCIPAL



FONTE: A autora (2019).

Conforme já previsto, a participação de mulheres brancas nas tramas das minisséries nas últimas décadas foi majoritária, e, mesmo que o produto admita maior liberdade criativa e utilização de novas linguagens e culturas periféricas, por exemplo, ainda assim a mulher negra possui um espaço muito pequeno no universo da ficção seriada. Ao considerarmos as categorias de personagens pertencentes ao núcleo principal, aqueles que aparecem no elenco descrito na abertura das minisséries, a diferença se mantém, conforme demonstra o GRÁFICO 6.

GRÁFICO 5 – ELENCO SECUNDÁRIO



FONTE: A autora (2019).

No elenco secundário, a diferença é ainda maior, quando observa-se a presença de 236 mulheres brancas contra 11 mulheres negras. Mesmo em posições de menor destaque na narrativa, a mulher negra ainda está representada de maneira bem pouco significativa dentro da quantidade de personagens existentes nas minisséries. Entre os dados coletados, ainda foi possível realizar a seguinte comparação.

GRÁFICO 6 – MULHERES NEGRAS (PAPEL PRINCIPAL X SECUNDÁRIO)



FONTE: A autora (2019).

O GRÁFICO 6 demonstra um dado interessante, que é uma maior participação de personagens negras no elenco principal que no secundário. São 16 personagens negras no elenco principal e 11 no elenco secundário, número que mostra que, apesar de não ser representativo, existe uma maior inserção das personagens em um elenco considerado mais fundamental para as tramas.

O último dado observado e que é significativo para esta pesquisa diz respeito à participação de mulheres negras ao longo das décadas. Este dado mostra não só o crescimento da produção de minisséries, como também, considerando os períodos de exibição, se a representatividade da mulher negra vem sendo ampliada como consequência das discussões acerca da questão racial no Brasil.

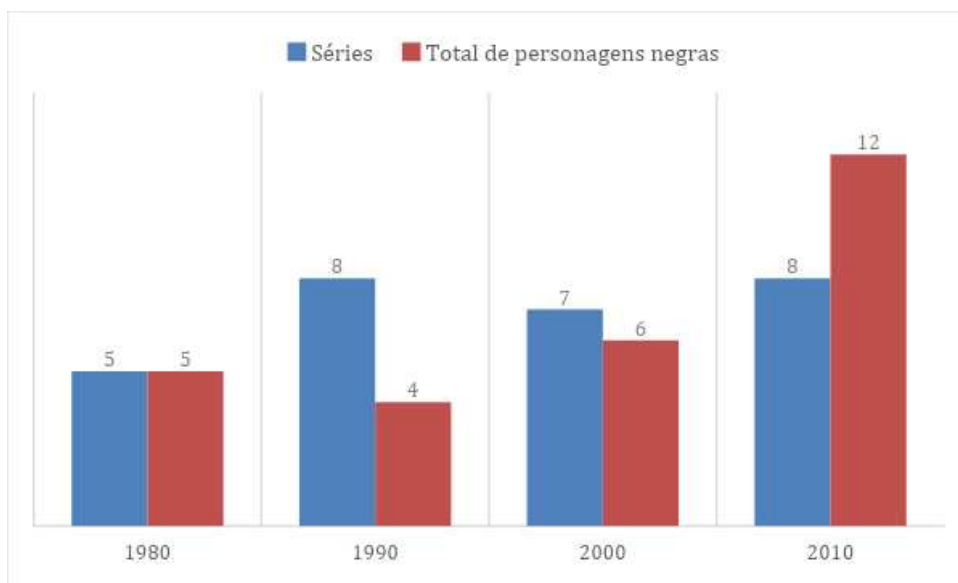
QUADRO 6 – PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS AO LONGO DAS DÉCADAS

Década	Séries	Total de personagens negras
1980	5	5
1990	8	4
2000	7	6
2010	8	12

FONTE: A autora (2019).

De forma gráfica, esse dado mostra o seguinte resultado:

GRÁFICO 7 – MULHERES NEGRAS NAS SÉRIES AO LONGO DAS DÉCADAS



FONTE: A autora (2019).

6.1.4 PERSONAGENS NEGRAS PRINCIPAIS NAS MINISSÉRIES






Como a ideia do trabalho é, além de mapear a participação da mulher negra nas minisséries ficcionais brasileiras, também realizar uma análise de representação dessas mulheres, foi levantado, com base nos dados trazidos, quais foram os papéis destinados ao elenco feminino preto. Este levantamento pretende mostrar se, além do aumento na participação de personagens negras, há também uma preocupação em ressignificar os estereótipos já discutidos durante a revisão teórica deste trabalho. Para isso, serão consideradas apenas as 16 personagens contidas no elenco principal, tendo em vista a dificuldade de encontrar definições de papéis secundários, assim como o fato de que muitos personagens secundários aparecem muito poucas vezes, não tendo relevância dentro do contexto ficcional.

Assim, com base no descritivo contido no projeto Memória Globo e com base em pesquisas realizadas na internet, foi possível observar a seguinte descrição das 16 personagens negras contidas no elenco principal:

QUADRO 7 – DESCRITIVO DE PERSONAGENS NEGRAS NO ELENCO PRINCIPAL DAS MINISSÉRIES

Bandidos da Falange (1983)	Atriz	Personagem	Foto	Descritivo
Personagem 1	Léa Garcia	Gladys		Melhor amiga da protagonista (protagonista amante do bandido que dá início à trama)
Personagem 2	Tânia Alves	Gloria		Mulher do manobrista que se envolve com um dos bandidos
As Noivas de Copacabana (1992)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 3	Chica Xavier	Não identificado		Empregada/cuidadora da mãe do assassino
Sex Appeal (1993)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 4	Camila Pitanga	Vilma		Modelo - Vilma é marrenta e não leva desaforo para casa, enfrentando um novo desafio, uma vez que nunca se achou bonita suficiente para ser modelo
Hoje é Dia de Maria (2005)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 5	Denise Assunção	Mucama		Mucama que ensina Maria à servidão

Hoje é Dia de Maria - segunda jornada (2005)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 6	Denise Assunção	Parca		Deusas gregas que representam o ciclo da vida
Personagem 7	Rosa Maria Colyn	Não identificado		Lavadeira/Nossa Senhora Aparecida
Queridos Amigos (2008)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 8	Aida Lerner	Flora		Ex-mulher do personagem principal que sofreu preconceito por parte de sua sogra judia.
Poeira em Alto-Mar (2008)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 9	Ildi Silva	Doroti		Vilã contratada para espiar a mocinha no navio
Acampamento de Férias III (2011)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 10	Chica Xavier	Dona Laila		Responsável por cuidar das crianças do orfanato

Personagem 11	Débora Santiago	Pérola		Temida e mal-encarada, ela é uma espanhola que faz parte da quadrilha de Franz (Odilon Wagner).
Alemão, os dois lados do complexo (2016)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 12	Aisha Jambo	Letícia		Irmã do traficante da favela do Alemão, usada de isca pelo traficante principal
Personagem 13	Mariana Nunes	Mariana		Faxineira numa pizzaria na favela do alemão e ex-mulher do traficante principal
Justiça (2016)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 14	Jéssica Ellen	Rose		Estudante filha da empregada doméstica pega com drogas na praia
Treze Dias Longe do Sol (2018)	Atriz	Personagem		Descritivo
Personagem 15	Shirley Cruz	Não identificado		Mulher do Bené - pedreiro
Personagem 16	Teca Pereira	Não identificado		Cunhada do Jesuíno - mestre de obras

FONTE: A autora (2019).

Com base neste levantamento, a pesquisa buscou analisar a representação das mulheres negras nas minisséries brasileiras tendo como operadores analíticos

categorias socioeconômicas e culturais que podem ser articuladas com os conceitos aqui já expostos de raça e gênero no decorrer deste trabalho.

6.1.5 CATEGORIAS ANALÍTICAS

Para entender a participação das mulheres negras nas minisséries investigadas, foi necessário criar categorias analíticas em que fosse possível observar qual a construção simbólica do corpo negro. A ideia foi categorizar os personagens de forma a entender de que maneira a mulher negra vem sendo representada ao longo das décadas e poder, então, observar se houve, além de um aumento na participação de negras – conforme nos mostrou o levantamento quantitativo –, uma mudança na representação dessas personagens. Para isso, com base no descritivo das personagens que figuram no elenco “principal” das tramas das minisséries, foram criadas categorias que buscam enquadrá-las ou não nos estereótipos padrões associados à raça. Para tal, foram criadas as seguintes categorias, de forma a enquadrar as personagens:

6.1.5.1 Categoria 1 – Criminalidade

Esta categoria foi criada tendo em vista o descritivo das personagens:

Personagem	Minissérie	Descritivo
Gloria	Bandidos da Falange (1983)	Mulher do manobrista que se envolve com um dos bandidos
Doroti	Poeira em Alto-Mar (2008)	Vilã contratada para espiar a mocinha no navio
Pérola	Acampamento de Férias III (2011)	Temida e mal-encarada, ela é uma espanhola que faz parte da quadrilha de Franz (Odilon Wagner).
Letícia	Alemão, os dois lados do complexo (2016)	Irmã do traficante da favela do Alemão, usada de isca pelo traficante principal
Mariana	Alemão, os dois lados do complexo (2016)	Faxineira numa pizzeria na favela do alemão e ex-mulher do traficante principal
Rose	Justiça (2016)	Estudante filha da empregada doméstica pega com drogas na praia

Apesar de apenas duas delas estarem associadas diretamente à violência (Doroti e Pérola), todas as outras são envolvidas com pessoas que fazem parte do tráfico ou ainda com a violência. Assim, mostra-se que o estereótipo da mulher negra que se submete a relações perigosas e que ainda frequenta círculos em que há criminalidade continua sendo explorado, como se à mulher negra somente coubesse espaços em que a pobreza e, conseqüentemente a criminalidade, parem.

Por meio desse enquadramento é possível observar que ainda atrela-se à cor da pele uma das questões que mais aflige a sociedade brasileira, a violência. A existência do racismo numa esfera que está permeada pela questão econômica brasileira precisa ser debatida, assim como é essencial pensar na construção da imagem do corpo negro em uma sociedade que os excluiu de direitos. Os dados do Brasil comprovam isso quando nos mostra que hoje, segundo o Informativo Desigualdades Sociais por Cor e Raça no Brasil, divulgado pelo IBGE⁵, entre os 10% com menor rendimento no Brasil, 75,2% são negros. Quando se considera a pobreza monetária, o estudo aponta ainda que 32,9% são negros – contra 15,4% dos brancos - enquanto 8,8% dos negros encontram-se abaixo da linha da pobreza.

Fruto de uma política abolicionista que renegou os negros, a associação da criminalidade aos povos negros está ligada a uma das mais perversas facetas do racismo, que teve origem nas teorias eugenistas e que, em vozes como a de Nina Rodrigues, repercutiam ideias que defendiam que no pós-abolição a igualdade jurídica não poderia existir entre raças diferentes, uma vez que o negro estaria mais propenso geneticamente à prática criminosa.

Nina apela para uma relatividade de cunho evolucionista e especifica que os crimes são involuntários em certas raças inferiores, que não se pode julgá-los pelos códigos de 'povos civilizados'. A reprimenda dirigia-se aos códigos universais: a aplicação da lei deveria ser condicionada aos diferentes estágios de civilização e dimensionada pelo estudo das raças existentes no Brasil. (SCHWARCZ, 2012, p. 25)

E foi por meio dessas ideias que se construiu uma relação racial permeada na ideia de que pessoas negras estariam mais propensas à criminalidade, ignorando o fato de que o processo de proibição da prática do escravagismo no Brasil foi excludente e privou os negros de terem acesso à educação, à saúde, à moradia, e a muitas outras necessidades básicas.

⁵ https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

Além disso, o fato de a criminalidade estar associada à cor da pele traz como consequência altas taxas de homicídios da população negra, que passa a ser alvo em situações de criminalidade. Segundo dados do Atlas da Violência no Brasil⁶, 75,5% das pessoas assassinadas foram negras em 2017, e o jovem negro brasileiro tem uma chance de 2,5 a mais de ser vítima de homicídio. Esses dados mostram que o sistema racial brasileiro, que foi construído em bases eugenistas, ainda reverbera essas ideias dentro de um racismo estrutural, que está presente no dia a dia do país.

Ao estabelecer essas relações e observar que a criminalidade ainda é um estereótipo perpetuado por práticas racistas da sociedade brasileira, identificou-se que das 16 personagens negras do elenco principal, ou seja, personagens que possuem relevância narrativa nas tramas apresentadas, 6 delas estão relacionadas à criminalidade. Este dado representa 37,5% das personagens identificadas no levantamento.

6.1.5.2 Categoria 2 – Subalternidade

Esta categoria foi criada tendo em vista o descritivo das personagens:

Personagem	Minissérie	Descritivo
Não identificado	As noivas de Copacabana (1992)	Empregada/cuidadora da mãe do assassino
Mucama	Hoje é dia de Maria (2005)	Mucama que ensina Maria à servidão
Dona Laila	Acampamento de Férias III (2011)	Responsável por cuidar das crianças do orfanato
Mariana	Alemão, os dois lados do complexo (2016)	Faxineira numa pizzaria na favela do alemão e ex-mulher do traficante principal
Rose	Justiça (2016)	Estudante filha da empregada doméstica pega com drogas na praia
Não identificado	Treze Dias Longe do Sol (2018)	Mulher do Bené - pedreiro
Não identificado	Treze Dias Longe do Sol (2018)	Cunhada do Jesuíno - mestre de obras

⁶ <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/6537-atlas2019.pdf>

Entre os mais diversos estereótipos aos quais a mulher negra sempre esteve atrelada o de subalternidade sempre foi o mais explorado. Seja relacionada à condição de trabalho doméstico, seja relacionada a profissões que são consideradas “menos importantes”, os negros sempre estiveram associados à servidão. E isso sempre esteve diretamente relacionado ao legado que a sociedade escravista deixou na composição da sociedade. As mulheres negras, durante o período de escravidão, sempre prestaram serviços relacionados aos afazeres domésticos. Eram trazidas para dentro de casa para serem mucamas, empregadas, lavadeiras, amas de leite, e todo e qualquer serviço que não seria digno para que os brancos fizessem. Com isso, o papel de subalternidade que o negro exercia na sociedade passou a tornar-se parte do dia a dia das famílias brasileiras.

Por serem juridicamente “coisas”, os homens e mulheres escravizados podiam ser doados, vendidos, trocados, legados nos testamentos de seus senhores e partilhados, como quaisquer outros bens. Na condição de “coisa” eles não podiam possuir e legar bens, constituir poupança, nem testemunhar em processos judiciais. A coisificação jurídica do escravizado fazia parte de uma estratégia de dominação que buscava desumanizar os escravizados e que ao mesmo tempo em que os destituía de todos os direitos criava uma ideologia de subalternidade, segundo a qual eles seriam incapazes de refletir e contestar a própria condição. (PIROUPO, 2011, p. 13)

Essa desumanização contribuiu para a invisibilização da raça no país, e o período pós-abolição e a forma como os negros foram relegados à margem da sociedade perpetuou esse estereótipo. Logo que o comércio de escravos foi “proibido” no Brasil, às mulheres negras coube executar o papel de trabalhadoras domésticas. Assim, perpetuou-se uma condição que até hoje mantém-se na sociedade, assim como um estereótipo de que somente esse papel estaria reservado às mulheres negras. A questão da invisibilidade reforçada pela mídia ao oferecer apenas papéis em que as mulheres negras aparecem como serviçais, faz com que a teledramaturgia brasileira reforce estereótipos negativos, reafirmando um imaginário construído com base em posições de inferioridade. Ao observar que de todas as 16 personagens, sete, ou 43,75% das personagens pretas nas minisséries estão reforçando esse tipo de imaginário, é possível constatar que, mesmo com o passar das décadas, o povo negro continua figurando em papéis de

subalternidade, em que atrela-se a cor da pele a trabalhos em que ele está a serviço dos brancos.

6.1.5.3 Categoria 3 – “Escada”

Esta categoria foi criada tendo em vista o descritivo das personagens:

Personagem	Minissérie	Descritivo
Gladys	Bandidos da Falange (1983)	Melhor amiga da protagonista (protagonista amante do bandido que dá início à trama)

Com a ideia do mito da democracia racial, em que se pregava que negros e brancos conviviam de maneira a acabar com um possível racismo no país, muitos papéis destinados a negros na teledramaturgia eram reservado àquilo que se pode chamar de “escada”. Ou seja, o papel existia tão-somente para justificar os atos dos personagens principais – brancos. Como coadjuvantes, os negros acabaram por estar presentes nas telenovelas e em filmes, aparecendo como uma forma de dizer que a sociedade os aceitava. No entanto, é possível perceber que esses papéis descrevem personagens que não possuem história nem nenhuma relação com sua família, enredo, trama. Ou seja, é um personagem que serve somente para que o protagonista branco seja ressaltado.

Nesta categoria, foi possível observar que apenas uma entre as 16 personagens possui essa característica, o que significa 6,25% das personagens negras das minisséries exibidas no período analisado. O dado é baixo, no entanto, é relevante uma vez que é um estereótipo recorrente na história do audiovisual sobretudo na história da teledramaturgia brasileira.

Em depoimento dado a Miriam Garcia Mendes, Dias Gomes disse que apresentar negros em boa situação econômica e social seria “um retrato profundamente falso de nossa sociedade” e que estaríamos, assim, “escamoteando a opressão, a discriminação que ainda sofre a raça negra”. As suas histórias [...] quase não discutiram problemas e conflitos decorrentes da questão racial. Os negros foram incluídos para auxiliar na composição de um retrato mais fiel da diversidade racial brasileira, em especial da população pobre. A base dos conflitos estava na pobreza, nas relações desiguais entre as classes sociais, na corrupção política, mas raramente era decorrente da origem racial dos seus personagens. (Araújo, 2000, p. 122 e 123).

6.1.5.4 Categoria 4 – Quebra de Estereótipos

Esta categoria foi criada tendo em vista o descritivo das personagens:

Personagem	Minissérie	Descritivo
Vilma	Sex Appeal (1993)	Modelo - Vilma é marrenta e não leva desaforo para casa, enfrentando um novo desafio, uma vez que nunca se achou bonita suficiente para ser modelo
Parca	Hoje é Dia de Maria – segunda jornada (2005)	Deusas gregas que representam o ciclo da vida
Não identificado	Hoje é Dia de Maria – segunda jornada (2005)	Lavadeira/Nossa Senhora Aparecida
Flora	Queridos Amigos (2008)	Ex-mulher do personagem principal que sofreu preconceito por parte de sua sogra judia.

Esta categoria mostra o número de mulheres que não se enquadraram nos estereótipos já perpetuados pela mídia. Faz-se relevante notar que apenas 4 personagens das 16 apontadas pelo levantamento não se enquadram em características, o que, em dados percentuais significa 25% das personagens. Das quatro categorias criadas para realizar a análise deste projeto, a categoria em que não é possível identificar um estereótipo ocupou o 3º lugar. Isso se deve, segundo estudos realizados por Joel Zito Araújo (2000), a lutas dos movimentos negros brasileiros, que estão constantemente reivindicando espaços de protagonismo para a população negra.

Todos esses indicadores demonstram que as mudanças, em meados dos anos 90, com a representação da primeira família de classe média nos comerciais, e as mudanças na telenovela brasileira [...] certamente não foram frutos somente de iniciativas internas da própria mídia, mas são resultado de uma presença maior das entidades negras e indicam um provável salto nas ações do próprio movimento negro (ARAÚJO, 2000, p. 75)

No entanto, ao analisar detalhadamente as personagens listadas nesta categoria, é possível perceber que apenas duas delas refletem uma possível inserção na vida comum brasileira, sendo que as outras duas ocupam um espaço lúdico nas suas tramas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre tantas discussões suscitadas ao decorrer do ano de 2020 no mundo, a pauta sobre o racismo teve destaque. O movimento Black Lives Matter e a morte de George Floyd nos EUA suscitaram manifestações antirracistas e trouxeram um novo fôlego para o debate sobre as relações de raça. No Brasil, a luta antirracista nunca teve tanta visibilidade e, apesar de já existir há muitos anos, ganhou visibilidade através da adesão de diversos agentes na esfera social e virtual. Assim, a divulgação desses dados contribui para essa discussão, mostrando, a partir de dados quantitativos, como se deu a participação da mulher negra nas minisséries brasileiras nas últimas quatro décadas e sua relação com os avanços da discussão interseccional trazidos à tona por meio das pautas feministas. Desta maneira, observou-se como o racismo continua se manifestando na sociedade através do produto midiático, uma vez que os meios de comunicação possuem grande importância dentro da construção simbólica do negro.

No entanto, faz-se necessário reforçar que a luta negra no Brasil precisa sempre de uma reflexão à parte, levando em consideração fatores como o mito da democracia racial, conforme já debatido neste projeto, que teve grande influência na maneira com a qual o racismo se manifestou e ainda se manifesta. Como força de trabalho, o negro que construiu o Brasil ainda hoje se vê vítima de práticas racistas que são estruturais e que não permitem que uma barreira seja quebrada. Entre tantas histórias que o Brasil coleciona, a da discriminação racial é uma das mais cruéis. Em um país que tem sua maioria negra, ter que lutar por um lugar para o povo negro é renegar o quanto pretos e pretas fizeram e ainda fazem do país uma grande potência. E ter que levantar bandeiras antirracistas em pleno 2020 é a prova do quanto o país caminhou devagar em todos esses anos. A relação racial no Brasil ainda é uma ferida aberta e que segue pulsando.

Assim, faz-se urgente muito mais que apenas manifestar apoio às causas em todos os âmbitos. É preciso lutar por políticas que combatam a exclusão em todos os campos. É preciso não só ter uma visão crítica das relações de raça, mas sim incentivar novas práticas, que permitam que os negros de fato estejam presentes em mais campos, seja na esfera política, econômica, social e cultural. E a comunicação é um dos campos essenciais para que esta luta se fortaleça, afinal, o mundo que vivemos hoje é mediado pelos meios e por movimentos estéticos e

culturais que estão diretamente ligados à produção midiática. Assim, quanto mais negros se vê nas narrativas ficcionais em grandes meios mais representatividade busca-se trazer ao dia a dia de uma população que em toda a sua história teve sua história, sua cor negada.

Partindo desse pressuposto, este trabalho contribuiu com as reflexões para que os meios e, sobretudo pensadores da comunicação, lutem e reforcem a importância de políticas afirmativas em torno da participação negra não só nos meios, mas também na pesquisa sobre comunicação, trazendo protagonismo para pesquisadores, atores, diretores, autores e toda a cadeia comunicacional.

Para coletar os dados e realizar a análise pretendidos por esta pesquisa, optou-se por trilhar um caminho que incluiu rever a trajetória da construção racial, e, sobretudo, os caminhos que levaram a que o país estabelecesse dinâmicas raciais estruturais e complexas. Para tal, realizou-se um levantamento histórico do período escravocrata, assim como o pós-abolição e de que maneira a mulher negra estava inserida dentro dessa perspectiva. A ideia foi observar como os estigmas a que as negras foram submetidas se construíram na sociedade, assim como perceber de que maneira estabeleceu-se a ideia de que o Brasil era um país que pregava por uma suposta democracia racial, sem deixar de observar todos os movimentos eugenistas que contribuíram para que o racismo fosse um elemento estrutural na sociedade. Com esse resgate histórico e com a análise do papel da mulher nesse período foi possível, durante a análise, criar as categorias necessárias que contribuíram para que o objetivo geral fosse alcançado. Assim, relacionar a questão da representação simbólica da mulher negra ao longo dos anos com aquilo que a mídia propaga nos dias de hoje foi fundamental.

Ainda, com o objetivo de discutir os avanços que a questão da representação da mulher negra vem tomando na sociedade atual, o trabalho trouxe um resgate do movimento feminista negro, observando de que maneira a luta negra contribuiu ou não para a ampliação da visibilidade da mulher negra nos mais variados campos. Para tanto, tratou-se de ampliar a perspectiva no que diz respeito aos pensamentos de grandes nomes dos estudos que interseccionam raça e gênero, buscando trabalhar com autoras que discutem a realidade brasileira, uma vez que o objeto de estudo são as mulheres negras brasileiras. Com essa revisão, foi possível observar de que maneira a mulher negra vem conquistando seu espaço no Brasil, mostrando que recentemente a luta vem sendo ampliada em diferentes

níveis e nos mais diferentes espaços. Assim, a partir disso, buscou-se cruzar os períodos das lutas feministas com os dados quantitativos da pesquisa para observar se houve realmente uma ampliação no espaço das mulheres negras.

Para chegar ao objetivo de observar a manutenção ou não de um discurso que ainda privilegia a criação de estereótipos, foi necessário retomar o histórico das minisséries no Brasil, um produto considerado de maior liberdade criativa e que poderia ser um bom campo de experimentação de diversidades, uma vez que não depende exclusivamente de resultados de audiência para desenvolver suas narrativas. Como forma de explorar não só o formato minissérie, mas também de que maneira ele trabalha com a construção da imagem do negro, optou-se por retomar, com base nos estudos de Joel Zito Araújo (2000), a relação do negro com a ficção seriada televisiva brasileira, buscando entender de que maneira essa representação se constrói e assim, observando como a relação mulheres negras e minisséries se apresenta.

Para responder à pergunta de pesquisa foi utilizado um protocolo metodológico quantitativo que identificou a participação de mulheres negras nas minisséries de ficção brasileiras produzidas pela rede Globo nas últimas quatro décadas, ou seja, desde que o formato minissérie passou a ser produzido no Brasil, conforme quadro abaixo.

Quadro 7. PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS AO LONGO DAS DÉCADAS

Década	Séries	Total de personagens negras
1980	5	5
1990	8	4
2000	7	6
2010	8	12

Para o levantamento realizado, optou-se por utilizar como base de dados o projeto Memória Globo, que registra os dados de todas as minisséries, como ano de veiculação, equipe técnica, elenco, entre outros. Com base nesses dados, e tendo como objetivo identificar papéis que possuísem relevância dentro da narrativa, entendeu-se que o elenco das minisséries estava dividido em elenco

principal – aqueles que aparecem na abertura das minisséries – e elenco secundário, aqueles que constam apenas na ficha técnica da minissérie. Com isso, foi possível observar não só se durante as décadas houve aumento na participação das mulheres negras, com base nas discussões já levantadas, mas também na maneira que essas mulheres vêm sendo representadas ao longo dos anos, criando categorias que comprovaram ou não que os estereótipos estigmatizados pela mídia com relação ao corpo negro ainda permanecem.

Desta maneira, os dados obtidos trouxeram rica contribuição no que diz respeito à participação não só de mulheres negras nas minisséries, mas também de gênero num geral, uma vez que identificou o total de participação de homens e mulheres que fizeram parte da história da minissérie ficcional brasileira.

A partir dos dados foi possível concluir que, desde o início das produções deste formato na Rede Globo, narrativas ficcionais brasileiras na categoria minissérie privilegiam papéis masculinos. Apesar de não ser o objetivo da pesquisa, este primeiro dado mostra o quanto a cultura televisiva ainda segue uma lógica que privilegia a voz e o modelo masculino. Assim, é possível constatar que a esfera de opressão de gênero ainda é real e está sendo retratada nas telas.

Em seguida, dentro do universo de mulheres existentes nas minisséries analisadas, foram classificadas as negras e as brancas, afim de levantar a quantidade de personagens negras no decorrer de quatro décadas de história da minissérie no Brasil. Ao realizar esta etapa, mostra-se nítido que, assim como a esfera do sexismo, a do racismo ainda está presente, e aparentemente está longe de acabar. O número de personagens brancas ainda é muito superior ao de personagens negras – 463 mulheres brancas e 27 mulheres negras. Com este dado já é possível partir para a análise de que as mulheres negras ainda são invisibilizadas na televisão brasileira, sobretudo ao compararmos o número de mulheres negras que hoje existem no Brasil.

Após a coleta deste dado, foi possível observar a quantidade de minisséries que apresentavam personagens negras: das 28 séries que possuíam como mote a ficção, 18 apresentavam personagens negras. O que significa que 64% das produções se preocupam em oferecer espaços para mulheres negras. Apesar do dado parecer ser significativo, a baixa participação de mulheres ainda reflete uma outra ameaça que contribui muito para o racismo estrutural: o mito da democracia racial. Ou seja, oferece-se um espaço mínimo como forma de garantir que a

participação exista, no entanto, ela serve apenas para reforçar o mito de que existe equidade entre negros e brancos. Este dado, que aparentemente seria positivo, acaba se revelando como reflexo de um racismo que, ignorado, se mantém no seio da sociedade. Ainda, no universo dos dados encontrados no início da etapa quantitativa e dentro das 18 séries em que existe a participação de negras, foram identificadas 27 personagens pretas, entre elenco principal e secundário. O que significa que, para cada série, existe uma média de 1,5 mulher negra. Assim, estamos falando de uma sub-representação e de uma grande parcela da população brasileira que não se enxerga nem mesmo nos produtos ficcionais que possuem mais liberdade criativa, capaz de extrapolar os limites comerciais da maior emissora de televisão do país.

Ainda atendendo ao proposto no objetivo da pesquisa, optou-se por dividir as 18 personagens negras em elenco principal e secundário, conforme já explicado. Com este recorte foi possível observar se os papéis reservados a negras seriam majoritariamente principais ou secundários. Os dados levantados mostraram que do total de personagens negras, 59% participavam do elenco principal, fato que, além de surpreender, atingiu a expectativa da pesquisa de poder analisar qual a representação a que essas mulheres vêm sendo exploradas, ou, ainda, se as narrativas ficcionais continuam explorando os mesmos estereótipos às mulheres negras. Assim, para tal, foram selecionadas as 16 personagens de elencos principais das minisséries ficcionais da Rede Globo para serem analisadas.

Os dados qualitativos permitiram identificar, década a década, se houve ou não aumento na participação de papéis destinados a pretas, podendo assim entender como a luta pela equidade racial vem se refletindo nos produtos midiáticos. Para se ter ideia, da década de 1980 – quando as minisséries passaram a ser exibidas no Brasil, pela Rede Globo – até a última década analisada (2010), o aumento foi de 140%. O que significa que, sim, a mulher negra vem ganhando cada vez mais espaço no produto audiovisual brasileiro. No entanto, os números absolutos ainda são tímidos – 5, 4, 6 e 12 nas décadas de 80, 90, 2000 e 2010, respectivamente. É interessante observar o grande crescimento na década de 2010, o que sugere que atualmente há um entendimento maior sobre a importância da representatividade do negro na mídia, e sinaliza que as conquistas do movimento de equidade pela raça e gênero, como foi o caso da Lei n. 4.370/98 do deputado Paulo Paim, influenciaram em uma modificação na construção da identidade da

mulher negra nas séries. No entanto, há que se reforçar que são necessárias cada vez mais políticas de inclusão racial neste meio.

A partir da identificação do aumento na participação de mulheres negras nas narrativas ficcionais de minisséries da Rede Globo, a pesquisa passou a entrar na etapa qualitativa, em que se buscou analisar quais foram as representações das mulheres negras. Assim, conforme já explicitado, com base no descritivo de cada uma das personagens, descritos pelo projeto Memória Globo, foram observadas elementos comuns que poderiam identificar ou não a permanência de estereótipos. Com base em categorias como: criminalidade, subalternidade, personagens “escada” e personagens comuns, foi possível perceber que, infelizmente, no decorrer das quatro décadas de história da minissérie no Brasil, a maioria dos papéis destinados a mulheres negras ainda está relacionado à subalternidade. O que significa que das 16 personagens, 7, ou 43,75% delas foram representadas por empregadas, cuidadoras, lavadeiras, etc. Ou seja, a ideia de que negras ainda estão atreladas a empregos domésticos continua impregnada na sociedade, remetendo não só a um passado escravista, mas também à ideia de que a mulher negra é subserviente ao branco, como se fosse uma “predestinação”. Ainda, a segunda categoria que mais fez parte das narrativas ficcionais de minisséries brasileiras, foi identificada como relacionada à criminalidade: 37,5% das mulheres negras (6) possuem alguma relação direta ou indireta com o crime nas histórias contadas pelas minisséries.

Conforme já descrito anteriormente, esse dado reforça infelizmente uma ideia criada a partir de princípios eugenistas, que acreditavam que pessoas negras estavam mais ligadas ao crime e à violência, o que faz com que o número de homicídios de pessoas pretas ainda seja muito grande no país.

Em terceiro lugar, foi observada uma categoria em que personagens negros não estão associados a nenhum estereótipo, ou seja, são pessoas comuns, que passam por situações e problemas comuns. Quatro mulheres negras, ou 25%, atendem à essa expectativa de não estarem vinculadas a nenhum dos estereótipos propagados exaustivamente pela mídia no decorrer dos anos no Brasil. Enfim, apenas uma personagem, que representa 6,25%, serviu de escada para um personagem principal na trama. Este é um modelo de estereótipo recorrente quando se fala de personagens negros, e não é incomum encontrar negros que são melhores amigos de pessoas brancas, no entanto, não há nenhum tipo de

exploração dos dramas pelos quais os personagens vivem nos eu universo particular.

Com todos esses dados levantados, foi possível concluir que sim, a pauta do movimento negro vem ganhando espaço na sociedade e isso se reflete no aumento da participação das mulheres negras na mídia. Ou seja, mulheres negras, que vem trazendo a interseccionalidade para o dia a dia e que tomam a frente de causas negras vêm fazendo cada vez mais parte de produtos como a minissérie. No entanto, ao falarmos de um produto que possui liberdade estética e criativa e que não se resume à audiência ainda há que se avançar muito. O primeiro passo para isso é quebrar o paradigma dos estereótipos. O Brasil, país com uma população majoritariamente negra, possui uma diversidade de realidade sociais que extrapola a questão da criminalidade, da subserviência ou ainda da subalternidade. Cada vez mais negras estão conquistando espaço, fruto inclusive das lutas raciais, e que merecem ser respeitadas por todos os campos, sobretudo o midiático. Assim, esta pesquisa é mais um meio de comprovar o quanto ainda é preciso avançar nesta pauta e traz caminhos para que as práticas sociais estejam cada vez mais atentas à pauta do racismo. E, quando se fala em produtos seriados da televisão essa urgência é maior ainda, tendo em vista que o Brasil foi um país em que esse produto fez parte da construção daquilo que é ser brasileiro - se é que é possível definir isso – e, sobretudo, da construção do imaginário do povo.

Desta forma, como uma maneira de trazer mais fôlego no que diz respeito às discussões raciais ao campo científico da comunicação, há a intenção de continuar esta pesquisa, aprofundando as análises e a relação que a mídia possui na construção simbólica das mulheres negras. Para além disso, continuar esta pesquisa é trazer fôlego não só à pesquisa preta, mas também à inclusão de pautas que são relevantes para a transformação social de uma realidade que não pode mais pautar o dia a dia baseado em racismo. E a comunicação é fator crucial para essa transformação.

8 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.
- ARAÚJO, J.Z. A estética do racismo. In: RAMOS, S. (Org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- BALOGH, Anna Maria. Minisséries: la crème de la crème da ficção na TV. **Revista USP**, n. 61, p. 94-101, 2004.
- BARRIOS, Luiza. A mulher negra e o feminismo. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. **Salvador: UFBA/NEIM**, 2008.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.
- CASTELLS, S.M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos pagu**, n. 6/7, p. 35-50, 1996.
- COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2005.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. **Salvador: UFBA/NEIM**, 2008.
- COUCEIRO DE LIMA, S.M. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 88-99, dez./fev. 2000. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/32894/35464>>. Acesso em: 2 jul. de 2018.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.
- DANTAS, Sílvia Góis. As séries televisivas no contexto da ficção nacional: uma aproximação. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 02, 2016.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Ficção televisual: entre séries e seriados. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação—Anais do XXXVIII Intercom (NP Televisão e Vídeo)**. Rio de Janeiro. 2015.
- FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. In: **Revista Symposium**. Ano. 2001. p. 14-26.
- FELIPPE, Ana Maria. Feminismo Negro: Mulheres Negras e Poder, um enfoque contra-hegemônico sobre gênero. Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p 15-28, jul/dez 2009.
- FRANCKLIN, E. O. **Aceitação Afro**: as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra. Dissertação de Mestrado. UFJF, Juiz de Fora, 2017.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. Univ of California Press, 1986.
- GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**, 1988. 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf

- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, 1995.
- KORNIS, Mônica Almeida. **Uma memória da história nacional recente**: as minisséries da rede Globo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado.
- LIMA, M. **Serviço de branco, serviço de preto**: um estudo sobre cor e trabalho no Brasil urbano. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- LOBO, Narciso Julio Freire. As minisséries e a busca de uma teledramaturgia nacional. **Comunicação & Sociedade**, n. 29, 1998
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.
- MARCONDES, Mariana Mazzini et al. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978
- MOTA, Keli Rocha Silva. Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 1, p. 108-127, 2017.
- MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; PENNER, Tomaz Affonso; IKEDA, Flavia Suzue de M. estratégias de streaming de séries Brasileiras na plataforma gloBoplaY no período de 2016 a 2018. **Revista GEMInIS**, v. 9, n. 3, p. 52-63, 2018.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da Cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo social, revista de sociologia da USP*, v.19, n 1, 287-308, 2006.
- OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. *A mulher negra na primeira pessoa: uma construção de raça e gênero nas novelas protagonizadas por Taís Araújo*. 2016. Disponível em: <https://www.teses.ufs.br/handle/riufs/7484>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- POMA, Larissa Ferreira; VIÉGAS, Rosemari Fagá. As Minisséries na Tv Globo: Da Literatura à Televisão. **Pesquisa em Debate**, 2009.
- RAMOS, S. (Org.). **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- RIBEIRO, L.C.; TUZZO, S.A. Jesus Martín Barbero e seus estudos de mediação na telenovela. In: **Comunicação & Informação**, v. 16, n. 2, p. 39-49, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/29187> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- SANTOS, Sônia Beatriz dos. Feminismo Negro Diaspórico. *Gênero* 8(1): 11-26, v.8, 2 sem. Niterói, 2007.
- SCHWARCZ, L. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário**. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 22., 2013, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: UFBA, 2013. Disponível em: Acesso em: 01 mar. 2014.